Contemporanea
Maio 1922
Almada

O Director da CONTEMPORANEA propoz em assembléa geral da Sociedade Nacional de Bellas Artes, realisada em 16 do corrente, a fundação da SOCIEDADE DOS AMIGOS DA ESPANHA

Propoz tambem socio honorario S. Ex.ª o sr. Conde de Romanones, presidente da Sociedade dos Amigos de Portugal

Pela Sociedade dos Amigos de Espanha!
Pela Sociedade dos Amigos de Portugal!
Por Portugal! Pela Espanha!

No proximo numero reproduziremos em "hors-texte", uma ANFORA, creação da

EMPREZA das FABRICAS de VIDROS da MARINHA GRANDE LIMITADA.

MARINHA GRANDE
PORTUGAL

MATERIAL ELECTRICO

CARTA A UM ESTETA

COUTINHO CABRAL

croquis de JOSÉ de BRAGANÇA

CRONICA

ENVIO-LHE, meu caro amigo, o primeiro numero da «Contemporanea». Não sou administradôr da revista, nem, muito menos, o «compére». Mas sou um pobre moço que vivia a vida esteril da geração que o precedeu e que um dia foi despertado para viver a vida da sua propria geração. Ah! meu caro amigo! Não sabe você o trabalho que dá esta coisa simples — viver a propria vida. Todos nós, de ha muitas gerações para cá, vimos para o mundo sem nos desligarmos da vida que nos precedeu. Esquecemo-nos todos, artisticamente — de cortar o cordão umbilical. A minha geração está realizando esse trabalho. Não são, como você ingenuamente os capitula — futuristas. São apenas — contemporaneos. E com que esforço, n'um país que o não é! E sabe você o que é ser contemporaneo? Você é capaz de se rir. De se supor, perfeitamente e inegavelmente, «contemporaneo». No entanto você — engana-se.

Você é um antepassado, — um antepassado de si proprio. O aeroplano Foirey que vae a caminho do Brazil, de tela e de aluminio, motor «Rolls-Royce», movido a gazolina, guiado por um homem sereno e pratico, de bigode á americana e por um lobo do mar, glabro e ironico — despertou em você, meu caro amigo, uma emoção romantica. Você viu-os ir, como quem vê partir — uma caravela!

E no entanto o «raid» ao Brazil é um acto que só pode ser visto com olhos de Hoje. Por isso você delirou de entusiasmo — quando eu queria que você reflectisse. Você tomou-o por uma aventura heroica — quando se trata de uma travessia matematica. Vê? Não se acha você — antepassado?

Mais. Você é mais antepassado do que os seus antepassados. Os nossos avós de 1400 foram á India com um espirito muito mais pratico e scientifico do que aquele com que você, em sonhos heroicos, os vê partir.

Você tem o culto da lenda — e isso tira-lhe a noção exata das coisas. Dirá você que isto é tirar á vida toda a poesia. Talvez. Mas nem só a poesia é Beleza. Você estraga a vida — a retocal-a. Você ha-de morrer — sem nunca ter vivido a sua vida.

Foi esse erro, a que você chama sonho e a que eu chamo hipocrisia, que o levou a eleger para Arte, uma convenção de natureza, que não passa de um pseudonimo da Natureza.

Você educou a sua vista n'umas suavidades de forma, n'uma nitidez de pormenores, n'uma ordenação de planos, n'uma natureza por ordem alfabetica — que o impede de ver a Natureza tal qual é, ou seja: alguma coisa de tão inedito sempre, de tão extranho, de tão inexplicado, de tão tumultuoso, de tão contraditorio, de tão vivo e de tão grande, que só vivel-a — absolve a vida.

Você, que, aliás, tem o culto dos «nús», vê a vida vestida. D'ai a sua incompreensão quando lh'a apresentam despida — despida de convencionalismos, de hipocrisias, de retoques.

A você disseram-lhe um dia que certa côr é «branca». E essa afirmação, — foi a sua desgraça. Porque pode o sol manchal-a de «laranja», pode o ceu tonalisal-a de azul, pode a sombra emprestar-lhe verdes — que você não vê senão branco, porque tem a certeza de que é branco.

CABRAL COUTINHO

Você não é um homem que vê. E' um homem que sabe. *Você tem certezas. E, ai! de quem for contra elas!*

Você é um grégo, — sans «blague». *Você é uma vitima do grande sonho de Beleza Grêga — o sonho de Harmonia, de Elegancia, de Extase que fez dos Gregos cidadãos honorarios da Eternidade, — e os deixou vencer por Roma. E se eles foram vencidos no seu tempo, — o que quer que lhe aconteça a si, no nosso?*

Quando você supõe que faz arte, você faz apenas — anacronismo. Supõe que ressusita a Grecia — e faz apenas a «reprise» da «Phi-Phi».

«A Arte Grega inspira Bondade» leu você em Anatole. Pois a Arte moderna, inspira Alegria. Alegria e Força. Mais beleza, menos beleza? Não. Outra. A Beleza é que mudou. E a Beleza que envelhece, — deixa de o ser...

Mas, meu caro amigo, isto é vêr a luta da Arte moderna contra a Arte consagrada pelo seu aspecto mais heroico e mais elevado. Porque afinal nós sabemos muito bem que os seus ideais de plastica grega lhe vieram por intermedio do Sr. Simões, sobrinho. Se Phidias, que fez uma Minerva de marfim e oiro, podesse vêr os seus descendentes a fazerem Venus de chifre e latão, perceberia que não ha Arte, por mais bela e magnifica, que não tenha um flanco de ridiculo.

Depois, meu caro amigo, Phidias, Praxiteles, Zeuxis, não fariam aquela arte de maravilha, se tivessem apenas uma vez na sua vida—andado de «eletrico.» Como quer você «continual-a», você que vem todos os dias das Avenidas novas?

Vê você porque não é «contemporaneo? Você vive em projeção. Você vive a olhar para traz, esquecido de si e do tempo e do espaço que rola á sua volta, do mundo de Beleza nova, movediça, crepitante, estuante e viril, que gira em torno de si. Ou se vê, espera. Espera, como aquele ebrio, que ao vêr andar as casas á roda, tirou a chave do bolso para abrir a porta, quando passasse a sua...

Mas, meu caro amigo, o que passou não volta mais. Quer isto dizer que o Passado para Nós não existe? Existe. Mas como um ponto de referencia para sabermos exatamente onde estamos.

Vocês esgotaram a vida. E o que é pior—esgotaram Portugal. Portugal, como vocês, não é «contemporaneo». Nem europeu. Perdeu o seu logar no tempo e no espaço, por vossa causa.

O que nos resta? Voltar ao principio. Começar de novo. Nós somos os «primitivos» d'uma vida nova que se desenha. Vamos viver de novo Portugal—com outros olhos, outras tintas, outra alma. Vamos vivel-o com azas, com motores, com movimento. Vamos dar a volta a Portugal—mas correndo-o no sentido da rotação do mundo...

COUTINHO
CABRAL

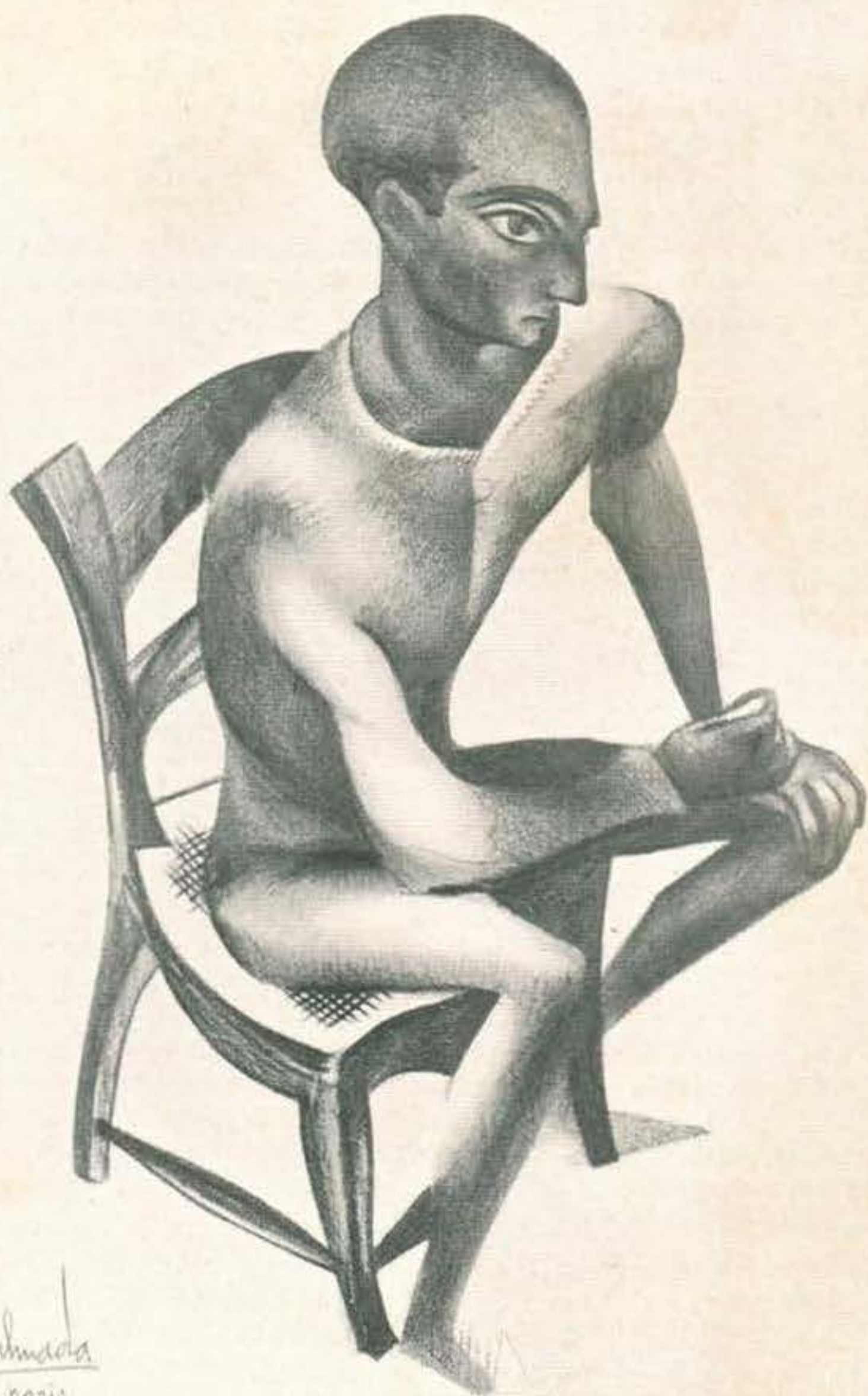
AFONSO DE BRAGANÇA

N'este numero, reproduzimos em «hors-texte»:

1.º—PESCADORES, de João Vaz
2.º—Auto-retrato de Almada
3.º—VARINAS, de Ernesto do Canto
4.º—L'ADIEU, de Diogo de Macedo.
5.º—CABEÇA CONTEMPORANEA, de Antonio Soares.

No proximo numero: Um excerpto da Conferência

A ARTE DE BEM MORRER

que Antonio Ferro vae realizar no Rio de Janeiro.

ALMADA
AUTO-RETRATO

O BANQUEIRO ANARCHISTA

POR

FERNANDO PESSOA

CABRAL COUTINHO

TINHAMOS acabado de jantar. Defronte de mim o meu amigo, o banqueiro, grande commerciante e açambarcador notavel, fumava como quem não pensa. A conversa, que fôra amortecendo, jazia morta entre nós. Procurei reanimal-a, ao acaso, servindo-me de uma idéa que me passou pela meditação. Voltei-me para elle, sorrindo.

— E' verdade: disseram-me ha dias que v. em tempos foi anarchista...

— Fui, não: fui e sou. Não mudei a esse respeito. *Sou* anarchista.

— Essa é boa! V. anarchista! Em que é que v. é anarchista?... Só se V. dá á palavra qualquer sentido differente...

— Do vulgar? Não; não dou. Emprégo a palavra no sentido vulgar.

— Quer V. dizer, então, que é anarchista exactamente no mesmo sentido em que são anarchistas esses typos das organizações operarias? Então entre V. e esses typos da bomba e dos syndicatos não ha differença nenhuma?

— Differença, differença, ha... Evidentemente que ha differença. Mas não é a que V. julga. V. duvida talvez que as minhas theorias sociaes sejam eguaes ás d'elles?...

— Ah, já percebo! V., quanto ás theorias, é anarchista; quanto á práctica...

— Quanto á práctica sou tão anarchista como quanto ás theorias. E quanto á práctica sou mais, sou muito mais, anarchista que esses typos que V. citou. Toda a minha vida o mostra.

— Hein?!

— Toda a minha vida o mostra, filho. V. é que nunca deu a estas cousas uma attenção lucida. Por isso lhe parece que estou dizendo uma asneira, ou então que estou brincando comsigo.

— O' homem, eu não percebo nada!... A não ser..., a não ser que V. julgue a sua vida dissolvente e anti-social e dê esse sentido ao anarchismo...

— Já lhe disse que não — isto é, já lhe disse que não dou á palavra anarchismo um sentido differente do vulgar.

— Está bem... Continúo sem perceber... O' homem, V. quer-me dizer que não ha differença entre as suas theorias verdadeiramente anarchistas e a práctica da sua vida — a práctica da sua vida como ella é agora? V. quer que eu acredite que V. tem uma vida exactamente egual á dos typos que vulgarmente são anarchistas?

— Não; não é isso. O que eu quero dizer é que entre as minhas theorias e a práctica da minha vida não ha divergencia nenhuma, mas uma conformidade absoluta. Lá que não

tenho uma vida como a dos typos dos syndicatos e das bombas — isso é verdade. Mas é a vida d'elles que está fóra do anarchismo, fóra dos ideaes d'elles. A minha não. Em mim — sim, em mim, banqueiro, grande commerciante, açambarcador se v. quizer —, em mim a theoria e a practica do anarchismo estão conjunctas e ambas certas. V. comparou-me a esses parvos dos syndicatos e das bombas para indicar que sou differente d'elles. Sou, mas a differença é esta: elles (sim, elles e não eu) são anarchistas só na theoria; eu sou-o na theoria e na práctica. Elles são anarchistas e estupidos, eu anarchista e intelligente. Isto é, meu velho, eu é que sou o verdadeiro anarchista. Elles — os dos syndicatos e das bombas (eu tambem lá estive e sahi de lá exactamente pelo meu verdadeiro anarchismo) — elles são o lixo do anarchismo, os femeas da grande doutrina libertaria.

— Essa nem ao diabo a ouviram! Isso é espantoso! Mas como concilia v. a sua vida — quero dizer a sua vida bancaria e commercial — com as theorias anarchistas? Como o concillia v., se diz que por theorias anarchistas entende exactamente o que os anarchistas vulgares entendem? E v., ainda por cima, me diz que é differente d'elles por ser *mais* anarchista do que elles — não é verdade?

— Exactamente.

— Não percebo nada.

— Mas v. tem empenho em perceber?

— Todo o empenho.

Elle tirou da bocca o charuto, que se apagára; reaccendeu-o lentamente; fitou o phosphoro que se extinguia; depol-o ao de leve no cinzeiro; depois, erguendo a cabeça, um momento abaixada, disse:

— Oiça. Eu nasci do povo e na classe operaria da cidade. De bom não herdei, como pode imaginar, nem a condição, nem as circumstancias. Apenas me aconteceu ter uma intelligencia naturalmente lucida e uma vontade um tanto ou quanto forte. Mas esses eram dons naturaes, que o meu baixo nascimento me não podia tirar.

«Fui operario, trabalhei, vivi uma vida apertada; fui, em resumo o que a maioria da gente é naquelle meio. Não digo que absolutamente passasse fome, mas andei lá perto. De resto, podia tel-a passado, que isso não alterava nada do que se seguiu, ou do que lhe vou expor, nem do que foi a minha vida, nem do que ella é agora.

«Fui um operario vulgar, em summa; como todos, trabalhava porque tinha que trabalhar, e trabalhava o menos possivel. O que eu era, era intelligente. Sempre que podia, lia coisas, discutia coisas, e, como não era tolo, nasceu-me uma grande insatisfacção e uma grande revolta contra o meu destino e contra as condições sociaes que o faziam assim. Já lhe disse que, em boa verdade, o meu destino podia ter sido peor do que era; mas naquella altura parecia-me a mim que eu era um ente a quem a Sorte tinha feito todas as injustiças juntas, e que se tinha servido das convenções sociaes para m'as fazer. Isto era ahi pelos meus vinte annos — vinte e um o maximo — que foi quando me tornei anarchista.

Parou um momento. Voltou-se um pouco mais para mim. Continuou, inclinando se mais um pouco.

COUTINHO
CABRAL

— Fui sempre mais ou menos lucido. Senti-me revoltado. Quiz perceber a minha revolta. Tornei-me anarchista consciente e convicto — o anarchista consciente e convicto que hoje sou.

— E a theoria, que v. tem hoje, é a mesma que tinha nessa altura?

— A mesma. A theoria anarchista, a verdadeira theoria, é só uma. Tenho a que sempre tive, desde que me tornei anarchista. V. já vae ver... Ia eu dizendo que, como era lucido por natureza, me tornei anarchista consciente. Ora o que é um anarchista? E' um revoltado contra a injustiça de nascermos deseguaes *socialmente* — no fundo é só isto. E de ahi resulta, como é de ver, a revolta contra as convenções sociaes que tornam essa desegual-

dade possivel. O que lhe estou indicando agora é o caminho psychologico, isto é, como é que a gente se torna anarchista; já vamos á parte theorica do assumpto. Por agora, comprehenda v. bem qual seria a revolta de um typo intelligente nas minhas circumstancias. O que é que elle vê pelo mundo? Um nasce filho de um millionario, protegido desde o berço contra aquelles infortunios — e não são poucos — que o dinheiro pode evitar ou attenuar; outro nasce miseravel, a ser, quando creança, uma bocca a mais numa familia onde as boccas são de sobra para o comer que pode haver. Um nasce conde ou marquez, e tem por isso a consideração de toda a gente, faça elle o que fizer; outro nasce assim como eu, e tem que andar direitinho como um prumo para ser ao menos tratado como gente. Uns nascem em taes condições que podem estudar, viajar, instruir-se — tornar-se (pode-se dizer) mais intelligentes que outros que naturalmente o são mais. E assim por ahi adeante, e em tudo...

«As injustiças da Natureza, vá: não as podemos evitar. Agora as da sociedade e das suas convenções — essas, porque não evital-as? Acceito — não tenho mesmo outro remedio — que um homem seja superior a mim por o que a Natureza lhe deu — o talento, a força, a energia; não acceito que elle seja meu superior por qualidades postiças, com que não sahiu do ventre da mãe, mas que lhe aconteceram por bamburrio logo que elle appareceu cá fóra — a riqueza, a posição social, a vida facilitada, etc. Foi da revolta que lhe estou figurando por estas considerações que nasceu o meu anarchismo de então — o anarchismo que, já lhe disse, mantenho hoje sem alteração nenhuma.

Parou outra vez um momento, como a pensar como proseguiria. Fumou e soprou o fumo lentamente, para o lado opposto ao meu. Voltou-se, e ia a proseguir. Eu, porém, interrompi-o.

— Uma pergunta, por curiosidade... Porque é que v. se tornou propriamente anarchista? V. podia ter-se tornado socialista, ou qualquer outra cousa avançada que não fôsse tão longe. Tudo isso estava dentro da sua revolta... Deduzo do que v. disse que por anarchismo v. entende (e acho que está bem como definição do anarchismo) a revolta contra todas as convenções e formulas sociaes e o desejo e exforço para a abolição de todas...

CABRAL
COUTINHO

— Isso mesmo.

— Porque escolheu v. essa formula extrema e não se decidiu por qualquer das outras... das intermedias?...

— Eu lhe digo. Eu meditei tudo isso. E' claro que nos folhetos que eu lia via todas essas theorias. Escolhi a theoria anarchista — a theoria extrema, como v. muito bem diz — pelas razões que lhe vou dizer em duas palavras.

Fitou um momento cousa nenhuma. Depois voltou-se para mim.

— O mal verdadeiro, o unico mal, são as convenções e as ficções sociaes, que se sobrepõem ás realidades naturaes — tudo, desde a familia ao dinheiro, desde a religião ao estado. A gente nasce homem ou mulher — quero dizer, nasce para ser, em adulto, homem ou mulher; não nasce, em boa justiça natural, nem para ser marido, nem para ser rico ou pobre, como tambem não nasce para ser catholico ou protestante, ou portuguez ou inglez. E' todas estas coisas em virtude das ficções sociaes. Ora essas ficções sociaes são más porquê? *Porque são ficções, porque não são naturaes.* Tão mau é o dinheiro como o estado, a constituição da familia como as religiões. Se houvesse outras, que não fôssem estas, seriam egualmente más, *porque tambem seriam ficções,* porque tambem se sobreporiam e estorvariam as realidades naturaes. Ora qualquer systema que não seja o puro systema anarchista, que quer a abolição de todas as ficções e de cada uma d'ellas completamente, *é uma ficção tambem.* Empregar todo o nosso desejo, todo o nosso exforço, toda a nossa intelligencia para implantar, ou contribuir para implantar, uma ficção social em vez de outra, é um absurdo,

quando não seja mesmo um crime, *porque é fazer uma perturbação social com o fim expresso de deixar tudo na mesma.* Se achamos injustas as ficções sociaes, porque esmagam e opprimem o que é natural no homem, para que empregar o nosso exforço em substituir-lhes outras ficções, se o podemos empregar para as destruir a todas?

«Isto parece-me que é concludente. Mas supponhamos que o não é; supponhamos que nos objectam que isto tudo estará muito certo, mas que o sistema anarchista não é realizavel na práctica. Vamos lá a examinar essa parte do problema.

«Porque é que o systema anarchista não seria realizavel? Nós partimos, todos os avançados, do principio, não só de que o actual systema é injusto, mas de que ha vantagem, porque ha justiça, em substituil-o por outro mais justo. Se não pensamos assim, não somos avançados, mas burguezes. Ora de onde vem este criterio de *justiça*? Do que é *natural e verdadeiro*, em opposição ás ficções sociaes e ás mentiras da convenção. Ora o que é natural é o que é inteiramente natural, não o que é metade, ou um-quarto, ou um-oitavo de natural. Muito bem. Ora, de duas coisas, uma: ou o natural é realizavel socialmente ou não é; em outras palavras, ou a sociedade pode ser natural, ou a sociedade é essencialmente ficção e não pode ser natural de maneira nenhuma. Se a sociedade pode ser natural, então pode haver a sociedade anarchista, ou livre, e deve haver, porque é ella a sociedade inteiramente natural. Se a sociedade não pode ser natural, se (por qualquer razão que não importa) tem por força que ser ficção, então do mal o menos; façamol-a, dentro d'essa ficção inevitavel, o mais natural possivel, para que seja, por isso mesmo, o mais justa possivel. Qual é a ficção mais natural? Nenhuma é natural em si, porque é ficção; a mais natural, neste nosso caso, será aquella que *pareça* mais natural, que *se sinta* como mais natural. Qual é a que parece mais natural, ou que sintamos mais natural? E' aquella a que estamos habituados. (V. comprehende: o que é natural é o que é do instincto; e o que, não sendo instincto, se parece em tudo com o instincto é o habito. Fumar não é natural, não é uma necessidade do instincto; mas, se nos habituámos a fumar, passa a ser-nos natural, passa a ser sentido como uma necessidade do instincto). Ora qual é a ficção social que constitue um habito nosso? E' o actual systema, o systema burguez. Temos pois, em boa logica, que ou achamos possivel a sociedade natural, e seremos defensores do anarchismo; ou não a julgamos possivel, e seremos defensores do regimen burguez. Não ha hypothese intermedia. Percebeu?...

— Sim, senhor; isso é concludente.

— Ainda não é bem concludente... Ainda ha um outra objecção, do mesmo genero, a liquidar... Pode concordar-se que o systema anarchista é realizavel, mas pode duvidar-se que elle seja realizavel *de chofre* — isto é, que se possa passar da sociedade burgueza para a sociedade livre sem haver um ou mais estados ou regimens intermedios. Quem fizer esta objecção acceita como boa, e como realizavel, a sociedade anarchista; mas palpita-lhe que tem que haver um estado qualquer de transição entre a sociedade burgueza e ella.

«Ora muito bem. Supponhamos que assim é. O que é esse estado intermedio? O nosso fim é a sociedade anarchista, ou livre; esse estado intermedio só pode ser, portanto, um estado de preparação da humanidade para a sociedade livre. Essa preparação ou é material, ou é simplesmente mental; isto é, ou é uma série de realizações materiaes ou sociaes que vão adaptando a humanidade á sociedade livre, ou é uma simples propaganda gradualmente crescente e influente, que a vae preparando *mentalmente* a desejal-a ou a acceital-a.

«Vamos ao primeiro caso, a adaptação gradual e material da humanidade á sociedade livre. E' impossivel; é mais que impossivel: é absurdo. Não ha adaptação material senão a uma cousa *que já ha*. Nenhum de nós se pode adaptar materialmente ao meio social do seculo vinte e trez, mesmo que saiba o que elle será; e não se pode adaptar materialmente porque o seculo vinte e trez e o seu meio social não existem *materialmente* ainda. Assim, chegamos á conclusão que, na passagem da sociedade burgueza para a sociedade livre, a unica parte que pode haver de adaptação, de evolução ou de transição é *mental*, é a gra-

COUTINHO CABRAL

dual adaptação dos espiritos á idéa da sociedade livre... Em todo o caso, no campo da adaptação material, ainda ha uma hypothese...

— Irra com tanta hypothese! ..

— O' filho, o homem lucido tem que examinar todas as objecções possiveis e de as refutar, antes de se poder dizer seguro da sua doutrina. E, de mais a mais, isto tudo é em resposta a uma pergunta que v. me fez...

— Está bem.

— No campo da adaptação material, dizia eu, ha em todo o caso uma outra hypothese. E' a da dictadura revolucionaria.

— Da dictadura revolucionaria como?

— Como eu lhe expliquei, não pode haver adaptação material a uma coisa que não existe, materialmente, ainda. Mas se, por um movimento brusco, se fizer a revolução social, fica implantada já, não a sociedade livre (porque para essa não pode a humanidade ter ainda preparação), mas uma dictadura d'aquelles que querem implantar a sociedade livre. Mas existe já, ainda que em esboço ou em começo, existe já *materialmente* qualquer coisa da sociedade livre. Ha já portanto uma coisa material, a que a humanidade se adapte. E' este o argumento com que as bestas que defendem a «dictadura do proletariado» a defenderiam se fossem capazes de argumentar ou de pensar. O argumento, é claro, não é d'elles: é meu. Ponho-o, como objecção, a mim-mesmo, E, como lhe vou mostrar..., é falso.

«Um regimen revolucionario, emquanto existe, e seja qual fôr o fim a que visa ou a ideia que o conduz, é *materialmente* só uma coisa — um regimen revolucionario. Ora um regimen revolucionario quer dizer uma dictadura de guerra, ou, nas verdadeiras palavras, um regimen militar despotico, porque o estado de guerra é imposto á sociedade por uma parte d'ella — aquella parte que assumiu revolucionariamente o poder. O que é que resulta? Resulta que quem se adaptar a esse regimen, como a unica coisa que elle é *materialmente, immediatamente*, é um regimen militar despotico, adapta-se a um regimen militar despotico. A idéa, que conduziu os revolucionarios, o fim, a que visaram, desappareceu por completo da *realidade* social, que é occupada exclusivamente pelo phenomeno guerreiro. De modo que o que sahe de uma dictadura revolucionaria — e tanto mais completamente sahirá, quanto mais tempo essa dictadura durar — é uma sociedade guerreira de typo dictatorial, isto é, um despotismo militar. Nem mesmo podia ser outra coisa. E foi sempre assim. Eu não sei muita historia, mas o que sei acerta com isto; nem podia deixar de acertar. O que sahiu das agitações politicas de Roma? O imperio romano e o seu despotismo militar. O que sahiu da Revolução Franceza? Napoleão e o seu despotismo militar. E v. verá o que sahe da Revolução Russa... Qualquer coisa que vae atrazar dezenas de annos a realização da sociedade livre... Tambem o que era de esperar de um povo de analphabetos e de mysticos?...

«Emfim, isto já está fóra da conversa... V. percebeu o meu argumento?

— Percebi perfeitamente.

— V. comprehende portanto que eu cheguei a esta conclusão: Fim: a sociedade anarchista, a sociedade livre; meio: a passagem, *sem transição*, da sociedade burgueza para a sociedade livre. Esta passagem seria preparada e tornada possivel por uma propaganda intensa, completa, absorvente, de modo a predispôr todos os espiritos e enfraquecer todas as resistencias. E' claro que por «propaganda» não entendo só a pela palavra escripta e fallada: entendo tudo, acção indirecta ou directa, quanto pode predispôr para a sociedade livre e enfraquecer a resistencia á sua vinda. Assim, não tendo quasi resistencias nenhumas que vencer, a revolução social, quando viesse, seria rapida, facil, e não teria que estabelecer nenhuma dictadura revolucionaria, por não ter contra quem applical-a. Se isto não pode ser assim, é que o anarchismo é irrealizavel; e, se o anarchismo é irrealizavel, só é defensavel e justa, como já lhe provei, a sociedade burgueza.

«Ora ahi tem v. porquê e como eu me tornei anarchista, e porquê e como rejeitei, como falsas e anti-naturaes, as outras doutrinas sociaes de menor ousadia.

CABRAL COUTINHO

«E prompto... Vamos lá a continuar a minha historia.

Fez explodir um phosphoro, e accendeu lentamente o charuto. Concentrou-se, e de ahi a pouco proseguiu.

«—Havia varios outros rapazes com as mesmas opiniões que eu. A maioria era de operarios, mas havia um ou outro que o não era; o que todos eramos era pobres, e, que me lembre, não eramos muito estupidos. A gente tinha uma certa vontade de se instruir, de saber coisas, e ao mesmo tempo uma vontade de propaganda, de espalhar as nossas idéas. Queriamos para nós e para os outros — para a humanidade inteira — uma sociedade nova, livre d'estes preconceitos todos, que fazem os homens deseguaes artificialmente e lhes impõem inferioridades, soffrimentos, estreitezas, que a Natureza lhes não tinha imposto. Por mim, o que eu lia confirmava-me nestas opiniões. Em livros libertarios baratos — os que havia ao tempo, e eram já bastantes — li quasi tudo. Fui a conferencias e comicios dos propagandistas do tempo. Cada livro e cada discurso me convencia mais da certeza e da justiça das minhas idéas. O que eu pensava então — repito-lhe, meu amigo — é o que penso hoje; a unica differença é que então pensava-o só, e hoje penso-o e pratico-o.

COUTINHO CABRAL

— Pois sim; isso, até onde vae, está muito bem. Está muito certo que V. se tornasse anarchista assim, e vejo perfeitamente que V. era anarchista. Não preciso mais provas d'isso. O que eu quero saber é como é que de ahi sahiu o banqueiro..., como é que sahiu de ahi sem contradicção... Isto é, mais ou menos já calculo...

— Não, não calcula nada... Eu sei o que V. quer dizer... V. baseia-se nos argumentos que me acaba de ouvir, e julga que eu achei o anarchismo irrealizavel e porisso, como lhe disse, só defensavel e justa a sociedade burgueza — não é?...

— Sim, calculei que fôsse mais ou menos isso...

— Mas como o podia ser, se desde o principio da conversa lhe tenho dito e repetido que *sou* anarchista, que não só o fui mas o continúo sendo? Se eu me tivesse tornado banqueiro e commerciante pela razão que V. julga, eu não era anarchista, era burguez.

— Sim, V. tem razão... Mas então como diabo...? Vá lá, vá dizendo...

— Como lhe disse, eu era (fui sempre) mais ou menos lucido, e tambem um homem de acção. Essas são qualidades naturaes; não m'as puzeram no berço (se é que eu tive berço), eu é que as levei para lá. Pois bem. Sendo anarchista, eu achava insupportavel ser anarchista só passivamente, só para ir ouvir discursos e fallar nisso com os amigos. Não: era preciso fazer qualquer coisa! Era preciso trabalhar e luctar pela causa dos opprimidos e das victimas das convenções sociaes! Decidi metter hombros a isso, conforme pudesse. Puz-me a pensar como é que eu poderia ser util á causa libertaria. Puz-me a traçar o meu plano de acção.

«O que quer o anarchista? A liberdade — a liberdade para si e para os outros, para a humanidade inteira. Quer estar livre da influencia ou da pressão das ficções sociaes; quer ser livre tal qual nasceu e appareceu no mundo, que é como em justiça deve ser; e quer essa liberdade para si e para todos os mais. Nem todos podem ser eguaes perante a Natureza: uns nascem altos, outros baixos; uns fortes, outros fracos; uns mais intelligentes, outros menos... Mas todos podem ser eguaes de ahi em deante; só as ficções sociaes o evitam. Essas ficções sociaes é que era preciso destruir.

«Era preciso destruil-as... Mas não me escapou uma coisa: era preciso destruil-as *mas em proveito da liberdade*, e tendo sempre em vista a creação da sociedade livre. Porque isso de destruir as ficções sociaes tanto pode ser para crear liberdade, ou preparar o caminho da liberdade, como para estabelecer outras ficções sociaes differentes, egualmente más porque egualmente ficções. Aqui é que era preciso cuidado. Era preciso acertar com um processo de acção, qualquer que fôsse a sua violencia ou a sua não-violencia (porque contra as injustiças sociaes tudo era legitimo), pelo qual se contribuisse para destruir as ficções sociaes sem, ao mesmo tempo, estorvar a creação da liberdade futura; creando já mesmo, caso fôsse possivel, alguma coisa da liberdade futura.

«E' claro que esta liberdade, que deve haver cuidado em não estorvar, *é a liberdade futura* e, no presente, *a liberdade dos opprimidos pelas ficções sociaes.* Claro está que não temos que olhar a não estorvar a «liberdade» dos poderosos, dos bem-situados, de todos que representam as ficções sociaes e teem vantagem nellas. Essa não é liberdade; é a liberdade de tyrannizar, que é o contrario da liberdade. Essa, pelo contrario, é o que mais deviamos pensar em estorvar e em combater. Parece-me que isto está claro...

— Está clarissimo. Continue...

— Para quem quer o anarchista a liberdade? Para a humanidade inteira. Qual é a maneira de conseguir a liberdade para a humanidade inteira? Destruir por completo todas as ficções sociaes. Como se poderiam destruir por completo todas as ficções sociaes? Já lhe anticipei a explicação, quando, por causa da sua pergunta, discuti os outros systemas avançados e lhe expliquei como e porque era anarchista... V. lembra-se da minha conclusão?...

— Lembro...

— ... Uma revolução social subita, brusca, esmagadora, fazendo a sociedade passar, de um salto, do regimen burguez para a sociedade livre. Esta revolução social preparada por um trabalho intenso e continuo, de acção directa e indirecta, tendente a dispôr todos os espiritos para a vinda da sociedade livre, e a enfraquecer até ao estado comatoso todas as resistencias da burguezia. Excuso de lhe repetir as razões que levam inevitavelmente a esta conclusão, a dentro do anarchismo; já lh'as expuz e V. já as percebeu.

— Sim.

— Essa revolução seria preferivelmente mundial, simultanea em todos os pontos, ou os pontos importantes, do mundo; ou, não sendo assim, partindo rapidamente de uns para outros, mas, em todo o caso, em cada ponto, isto é, em cada nação, fulminante e completa.

«Muito bem. O que poderia *eu* fazer para esse fim? Só por mim, não a poderia fazer a ella, á revolução mundial, nem mesmo poderia fazer a revolução completa na parte referente ao paiz onde estava. O que podia era trabalhar, na inteira medida do meu exforço, para fazer a preparação para essa revolução. Já lhe expliquei como: combatendo, por todos os meios accessiveis, as ficções sociaes; não estorvando nunca ao fazer esse combate ou a propaganda da sociedade livre, nem a liberdade futura, nem a liberdade presente dos opprimidos; creando já, sendo possivel, qualquer coisa da futura liberdade.

Puxou fumo; fez uma leve pausa; recomeçou.

— Ora aqui, meu amigo, puz eu a minha lucidez em acção. Trabalhar para o futuro, está bem, pensei eu; trabalhar para os outros terem liberdade, está certo. Mas então eu? eu não sou ninguem? Se eu fôsse christão, trabalhava alegremente pelo futuro dos outros, porque lá tinha a minha recompensa no céu; mas tambem, se eu fôsse christão, não era anarchista, porque então as taes desegualdades sociaes não tinham importancia na nossa curta vida: eram só condições da nossa provação, e lá seriam compensadas na vida eterna. Mas eu não era christão, como não sou, e perguntava-me: mas por quem é que eu me vou sacrificar nisto tudo? Mais ainda: *porque* é que eu me vou sacrificar?

CABRAL
COUTINHO

«Vieram-me momentos de descrença; e V. comprehende que era justificada... Sou materialista, pensava eu; não tenho mais vida que esta; para que hei-de ralar-me com propagandas e desegualdades sociaes, e outras historias, quando posso gosar e entreter-me muito mais se não me preocupar com isso? Quem tem só esta vida, quem não crê na vida eterna, quem não admitte lei senão a Natureza, quem se oppõe ao estado porque elle não é natural, ao casamento porque elle não é natural, ao dinheiro porque elle não é natural, a todas as ficções sociaes porque ellas não são naturaes, porque carga d'agua é que defende o altruismo e o sacrificio pelos outros, ou pela humanidade, se o altruismo e o sacrificio tambem não são naturaes? Sim, a mesma logica que me mostra que um homem não nasce para ser casado, ou para ser portuguez, ou para ser rico ou pobre, mostra-me tambem que

elle não nasce para ser *solidario*, que elle não nasce senão para ser elle-proprio, e portanto o contrario de altruista e solidario, e portanto exclusivamente egoista.

«Eu discuti a questão commigo mesmo. Repara tu, dizia eu para mim, que nascemos pertencentes á especie humana, e que temos o dever de ser solidarios com todos os homens. Mas a idéa de «dever» era natural? De onde é que vinha esta idéa de «dever»? Se esta idéa de dever me obrigava a sacrificar o meu bem-estar, a minha commodidade, o meu instincto de conservação e outros meus instinctos naturaes, em que divergia a acção d'essa idéa da acção de qualquer ficção social, que produz em nós exactamente o mesmo effeito?

«Esta idéa de dever, isto de solidariedade humana, só podia considerar-se natural *se trouxesse comsigo uma compensação egoista*, porque então, embora em principio contrariasse o egoismo natural, se dava a esse egoismo uma compensação, sempre, no fim de contas, o não contrariava. Sacrificar um prazer, simplesmente sacrifical-o, não é natural; sacrificar um prazer a outro, é que já está dentro da Natureza: é, entre duas cousas naturaes que se não podem ter ambas, escolher uma, o que está bem. Ora que compensação egoista, ou natural, podia dar-me a dedicação á causa da sociedade livre e da futura felicidade humana? Só a consciencia do dever cumprido, do exforço para um fim bom; e nenhuma d'estas coisas é uma compensação egoista, nenhuma d'estas coisas é um prazer em si, mas um prazer, se o é, nascido de uma ficção, como pode ser o prazer de ser immensamente rico, ou o prazer de ter nascido em uma boa posição social.

COUTINHO CABRAL

«Confesso-lhe, meu velho, que me vieram momentos de descrença... Senti-me desleal á minha doutrina, traidor a ella... Mas em breve passei sobre tudo isto. A idéa de justiça cá estava, dentro de mim, pensei eu. Eu sentia-a natural. Eu sentia que havia um dever superior á preoccupação só cá do meu destino. E fui para deante na minha intenção.

— Não me parece que essa decisão revelasse uma grande lucidez da sua parte... V. não resolveu a difficuldade... V. foi para deante por um impulso absolutamente sentimental...

— Sem duvida. Mas o que lhe estou contando agora é a historia de como me tornei anarchista, e de como o continuei sendo, e continúo. Vou-lhe expondo lealmente as hesitações e as difficuldades que tive, e como as venci. Concordo que, naquelle momento, venci a difficuldade logica com o sentimento, e não com o raciocinio. Mas v. ha de ver que, mais tarde, quando cheguei á plena comprehensão da doutrina anarchista, esta difficuldade, até então logicamente sem resposta, teve a sua solução completa e absoluta.

— É curioso...

— É... Agora deixe-me continuar na minha historia. Tive esta difficuldade, e resolvia-a, se bem que mal, como lhe disse. Logo a seguir, e na linha dos meus pensamentos, surgiu-me outra difficuldade que tambem me atrapalhou bastante.

«Estava bem — vamos lá — que estivesse disposto a sacrificar-me, sem recompensa nenhuma propriamente pessoal, isto é, sem recompensa nenhuma verdadeiramente *natural*. Mas supponhamos que a sociedade futura não dava em nada do que eu esperava, que nunca havia a sociedade livre, a que diabo é que eu, nesse caso, me estava sacrificando? Sacrificar-me a uma idéa sem recompensa pessoal, sem eu ganhar nada com o meu exforço por essa idéa, vá; mas sacrificar-me sem ao menos ter a certeza de que aquillo, para que eu trabalhava, existiria um dia, *sem que a propria idéa ganhasse com o meu exforço* — isso era um pouco mais forte... Desde já lhe digo que resolvi a dificuldade pelo mesmo processo sentimental por que resolvi a outra; mas advirto-o tambem que, do mesmo modo que a outra, resolvi esta pela logica, automaticamente, quando cheguei ao estado plenamente consciente do meu anarchismo... V. depois verá... Na altura do que lhe estou contando, sahi-me do apuro com uma ou duas phrases ôcas. «Eu fazia o meu dever para com o futuro; o futuro que fizesse o seu para commigo»... Isto, ou cousa que o valha...

«Expuz esta conclusão, ou, antes, estas conclusões, aos meus camaradas, e elles concordaram todos commigo; concordaram todos que era preciso ir prá frente e fazer tudo pela

sociedade livre. E' verdade que um ou outro, dos mais intelligentes, ficaram um pouco abalados com a exposição, não porque não concordassem, mas porque nunca tinham visto as coisas assim claras, nem os bicos que estas coisas teem... Mas emfim, concordaram todos... Iriamos todos trabalhar pela grande revolução social, pela sociedade livre, quer o futuro nos justificasse, quer não! Formámos um grupo, entre gente certa, e começámos uma grande propaganda — grande, é claro, dentro dos limites do que podiamos fazer. Durante bastante tempo, no meio de difficuldades, embrulhadas, e por vezes perseguições, lá fomos trabalhando pelo ideal anarchista.

O banqueiro, chegado aqui, fez uma pausa um pouco mais longa. Não accendeu o charuto, que estava outra vez apagado. De repente teve um leve sorriso, e, com o ar de quem chega ao ponto importante, fitou-me com mais insistencia e proseguiu, clarificando mais a voz e accentuando mais as palavras.

— Nesta altura, disse elle, appareceu uma coisa nova. «Nesta altura» é modo de dizer. Quero dizer que, depois de alguns mezes d'esta propaganda, comecei a reparar numa nova complicação, e esta é que era a mais séria de todas, esta é que era séria a valer...

«V. recorda-se, não é verdade? d'aquillo em que eu, por um raciocinio rigoroso, assentei que devia ser o processo de acção dos anarchistas... Um processo, ou processos, quaesquer pelo qual se contribuisse para destruir as ficções sociaes sem, ao mesmo tempo, estorvar a creação da liberdade futura, sem, portanto, estorvar em coisa nenhuma a pouca liberdade dos actuaes opprimidos pelas ficções sociaes; um processo que, sendo possivel, creasse já alguma coisa da liberdade futura...

«Pois bem: uma vez assente este criterio, nunca mais deixei de o ter presente... Ora, na altura da nossa propaganda em que lhe estou fallando, descobri uma coisa. No grupo de propaganda — não eramos muitos; eramos uns quarenta, salvo erro — dava-se este caso: *creava-se tyrannia.*

— Creava-se tyrannia?... Creava-se tyrannia como?

— Da seguinte maneira... Uns mandavam em outros e levavam-os para onde queriam; uns impunham-se a outros e obrigavam-os a ser o que elles queriam: uns arrastavam outros por manhas e por artes para onde elles queriam. Não digo que fizessem isto em coisas graves; mesmo, não havia coisas graves alli em que o fizessem. Mas o facto é que isto acontecia sempre e todos os dias, e dava-se não só em assumptos relacionados com a propaganda, como fóra d'elles, em assumptos vulgares da vida. Uns iam insensivelmente para chefes, outros insensivelmente para subordinados. Uns eram chefes por imposição; outros eram chefes por manha. No facto mais simples isto se via. Por exemplo: dois dos rapazes iam juntos por uma rua fóra; chegavam ao fim da rua, e um tinha que ir para a direita e outro para a esquerda; cada um tinha conveniencia em ir para o seu lado. Mas o que ia para a esquerda dizia para o outro, «venha v. commigo por aqui»; o outro respondia, e era verdade, «Homem, não posso; tenho que ir por alli» por esta ou aquella razão... Mas afinal, contra sua vontade e sua conveniencia, lá ia com o outro para a esquerda... Isto era uma vez por persuasão, outra vez por simples insistencia, uma terceira vez por um outro motivo qualquer assim... Isto é, nunca era por uma razão logica; havia sempre nesta imposição e nesta subordinação qualquer coisa de espontaneo, de como que instinctivo... E como neste caso simples, em todos os outros casos; desde os menos até aos mais importantes... V. vê bem o caso?

CABRAL
COUTINHO

— Vejo. Mas que diabo ha de extranho nisso? Isso é tudo quanto ha de mais natural!...

— Será. Já vamos a isso. O que lhe peço que note é que é *exactamente o contrario da doutrina anarchista*. Repare bem que isto se passava num grupo pequeno, num grupo sem influencia nem importancia, num grupo a quem não estava confiada a solução de nenhuma questão grave ou a decisão sobre qualquer assumpto de vulto. E repare que se passava num

grupo de gente que se unira especialmente para fazer o que pudesse para o fim anarchista — isto é, para combater, tanto quanto possivel, as ficções sociaes, e crear, tanto quanto possivel, a liberdade futura. V. reparou bem nestes dois pontos?

— Reparei.

— Veja agora bem o que isso representa... Um grupo pequeno, de gente sincera (garanto-lhe que era sincera!), estabelecido e unido expressamente para trabalhar pela causa da liberdade, tinha, no fim de uns mezes, conseguido só uma coisa de positivo e concreto — *a creação entre si de tyrannia*. E repare que tyrannia... Não era uma tyrannia derivada da acção das ficções sociaes, que, embora lamentavel, seria desculpavel, até certo ponto, ainda que menos em nós, que combatiamos essas ficções, que em outras pessoas; mas emfim, viviamos em meio de uma sociedade baseada nessas ficções e não era inteiramente culpa nossa se não pudessemos de todo fugir á sua acção. Mas não era isso. Os que mandavam nos outros, ou os levavam para onde queriam, não faziam isso pela força do dinheiro, ou da posição social, ou de qualquer authoridade de natureza ficticia, que se arrogassem; faziam-o por uma acção de qualquer especie fóra das ficções sociaes. Quer dizer, esta tyrannia era, relativamente ás ficções sociaes, *uma tyrannia nova*. E era uma tyrannia exercida sobre gente essencialmente opprimida já pelas ficções sociaes. Era, ainda por cima, tyrannia exercida entre si por gente cujo intuito sincero não era senão destruir tyrannia e crear liberdade.

COUTINHO CABRAL

«Agora ponha o caso num grupo muito maior, muito mais influente, tratando já de questões importantes e de decisões de caracter fundamental. Ponha esse grupo a encaminhar os seus exforços, como o nosso, para a formação de uma sociedade livre. E agora diga-me se atravez d'esse carregamento de tyrannias entrecruzadas v. entrevê qualquer sociedade futura que se pareça com uma sociedade livre ou com uma humanidade digna de si propria...

— Sim: isso é muito curioso...

— E' curioso, não é? .. E olhe que ha pontos secundarios tambem muito curiosos... Por exemplo: a tyrannia do auxilio...

— A quê?

— A tyrannia do auxilio. Havia entre nós quem, em vez de mandar nos outros, em vez de se impôr aos outros, pelo contrario os auxiliava em tudo quanto podia. Parece o contrario, não é verdade? Pois olhe que é o mesmo. E' a mesma tyrannia nova. E' do mesmo modo ir contra os principios anarchistas.

— Essa é boa! Em quê?

— Auxiliar alguem, meu amigo, é tomar alguem por incapaz; se esse alguem não é incapaz, é ou fazel-o tal, ou suppol-o tal, e isto é, no primeiro caso uma tyrannia, e no segundo um desprezo. Num caso cerceia-se a liberdade de outrem; no outro caso parte-se, pelo menos inconscientemente, do principio de que outrem é desprezivel e indigno ou incapaz de liberdade.

«Voltemos ao nosso caso... V. vê bem que este ponto era gravissimo. Vá que trabalhassemos pela sociedade futura sem esperarmos que ella nos agradecesse, ou arriscando-nos, mesmo, a que ella nunca viesse. Tudo isso, vá. Mas o que era de mais era estarmos trabalhando para um futuro de liberdade e não fazermos, de positivo, mais que crear tyrannia, e não só tyrannia, mas tyrannia nova, e tyrannia exercida por nós, os opprimidos, uns sobre os outros. Ora isto é que não podia ser...

«Puz-me a pensar. Aqui havia um erro, um desvio qualquer. Os nossos intuitos eram bons; as nossas doutrinas pareciam certas; seriam errados os nossos processos? Com certeza que deveriam ser. Mas onde diabo estava o erro? Puz-me a pensar nisso e ia dando em doido. Um dia, de repente, como acontece sempre nestas coisas, dei com a solução. Foi o grande dia das minhas theorias anarchistas; o dia em que descobri, por assim dizer, a technica do anarchismo.

Olhou-me um momento sem me olhar. Depois continuou, no mesmo tom.

— Pensei assim... Temos aqui uma tyrannia nova, uma tyrannia que não é derivada das ficções sociaes. Então de onde é ella derivada? Será derivada das qualidades naturaes? Se é, adeus sociedade livre! Se uma sociedade onde estão em operação apenas as qualidades naturaes dos homens — aquellas qualidades com que elles nascem, que devem só á Natureza, e sobre as quaes não temos poder nenhum —, se uma sociedade onde estão em operação apenas essas qualidades é um amontoado de tyrannias, quem é que vae mexer o dedo minimo para contribuir para a vinda d'essa sociedade? Tyrannia por tyrannia, fique a que está, que ao menos é aquella a que estamos habituados, e que porisso fatalmente sentimos menos que sentiriamos uma tyrannia nova, e com o caracter terrivel de todas as coisas tyrannicas que são directamente da Natureza — o não haver revolta possivel contra ella, como não ha revolução contra ter que morrer, ou contra nascer baixo quando se preferia ter nascido alto. Mesmo, eu já lhe provei que, se por qualquer razão não é realizavel a sociedade anarchista, então deve existir, por ser mais natural que qualquer outra salvo aquella, a sociedade burgueza.

«Mas seria esta tyrannia, que nascia assim entre nós, realmente derivada das qualidades naturaes? Ora o que são as qualidades naturaes? São o grau de intelligencia, de imaginação, de vontade, etc., com que cada um nasce — isto no campo mental, é claro, porque as qualidades naturaes physicas não veem para o caso. Ora um typo que, sem ser por uma razão derivada das ficções sociaes, manda noutro, por força que o faz por lhe ser superior em uma ou outra das qualidades naturaes. Domina-o pelo emprego das suas qualidades naturaes. Mas ha uma coisa a ver: esse emprego das qualidades naturaes será legitimo, isto é, será *natural*?

«Ora qual é o emprego natural das nossas qualidades naturaes? O servir os fins naturaes da nossa personalidade. Ora dominar alguem será um fim natural da nossa personalidade? Pode sel-o: ha um caso em que pode sel-o: é quando esse alguem está para nós num logar de inimigo. Para o anarchista, é claro, quem está num logar de inimigo, é qualquer representante das ficções sociaes e da sua tyrannia; mais ninguem, porque todos os outros homens são homens como elle e camaradas naturaes. Ora, v. bem vê, o caso da tyrannia que tinhamos estado creando entre nós não era este; a tyrannia, que tinhamos estado creando, era exercida sobre homens como nós, camaradas naturaes, e, mais ainda, sobre homens duas vezes nossos camaradas, porque o eram tambem pela communhão no mesmo ideal. Conclusão: esta nossa tyrannia, se não era derivada das ficções sociaes, tambem não era derivada das qualidades naturaes; era derivada d'uma applicação errada, d'uma perversão, das qualidades naturaes. E essa perversão, de onde é que provinha?

«Tinha que provir de uma de duas cousas: ou de o homem ser naturalmente mau, e portanto todas as qualidades naturaes serem *naturalmente pervertidas*; ou de uma perversão resultante da longa permanencia da humanidade numa atmosphera de ficções sociaes, todas ellas creadoras de tyrannia, e tendente, portanto, a tornar já instinctivamente tyrannico o uso mais natural das qualidades mais naturaes. Ora, d'estas duas hypotheses, qual é que seria a verdadeira? De um modo satisfactorio — isto é, rigorosamente logico ou scientifico — era impossivel determinar. O raciocinio não pode entrar com o problema, porque elle é de ordem historica, ou scientifica, e depende do conhecimento de *factos*. Por seu lado, a sciencia tambem nos não ajuda, porque, por mais longe que recuemos na historia, encontramos sempre o homem vivendo sob um ou outro systema de tyrannia social, e portanto sempre num estado que nos não permite averiguar como é o homem quando vive em circumstancias pura-e inteiramente naturues. Não havendo maneira de determinar ao certo, temos que pender para o lado da maior probabilidade; e a maior probabilidade está na segunda hypothese. E' mais natural suppôr que a longuissima permanencia da humanidade em ficções sociaes creadoras de tyrannia faça cada homem nascer já com as suas qualidades naturaes pervertidas no sentido de tyrannizar espontaneamente, mesmo em quem não pretenda tyrannizar, do que suppôr que qualidades naturaes podem ser naturalmente pervertidas, o

CABRAL
COUTINHO

que, de certo modo, representa uma contradicção. Porisso o pensador decide-se, como eu me decidi, com uma quasi absoluta segurança, pela segunda hypothese.

«Temos, pois, que uma coisa é evidente... No estado social presente não é possivel um grupo de homens, por bem intencionados que estejam todos, por preoccupados que estejam todos só em combater as ficções sociaes e em trabalhar pela liberdade, trabalharem juntos sem que espontaneamente criem entre si tyrannia, sem crear entre si uma tyrannia nova, supplementar á das ficções sociaes, sem destruir na práctica tudo quanto querem na theoria, sem involuntariamente estorvar o mais possivel o proprio intuito que querem promover. O que ha a fazer? E' muito simples... E' trabalharmos todos para o mesmo fim, *mas separados*.

— Separados?!

— Sim. V. não seguiu o meu argumento?

— Segui.

— E não acha logica, não acha fatal esta conclusão?

— Acho, sim, acho... O que não vejo bem é como isso...

— Já vou esclarecer... Disse eu: trabalharmos todos para o mesmo fim, mas separados. Trabalhando todos para o mesmo fim anarchista, cada um contribue com o seu exforço para a destruição das ficções sociaes, que é para onde o dirige, e para a creação da sociedade livre do futuro; e trabalhando separados não podemos, *de modo nenhum*, crear tyrannia nova, porque nenhum tem acção sobre outro, e não pode portanto, nem, dominando-o, diminuir-lhe a liberdade, nem, auxiliando-o, apagar-lh'a.

COUTINHO
CABRAL

«Trabalhando assim separados e para o mesmo fim anarchista, temos as duas vantagens — a do exforço conjuncto, e a da não-creação de tyrannia nova. Continuamos unidos, porque o estamos moralmente e trabalhamos do mesmo modo para o mesmo fim; continuamos anarchistas, porque cada um trabalha para a sociedade livre; mas deixamos de ser traidores, voluntarios ou involuntarios, á nossa causa, deixamos mesmo de poder sel-o, porque nos collocamos, pelo trabalho anarchista isolado, fóra da influencia deleteria das ficções sociaes, no seu reflexo hereditario sobre as qualidades que a Natureza deu.

«E' claro que toda esta tactica se applica ao que eu chamei o *periodo de preparação* para a revolução social. Arruinadas as defezas burguezas, e reduzida a sociedade inteira ao estado de acceitação das doutrinas anarchistas, faltando só fazer a revolução social, então, para o golpe final, é que não pode continuar a acção separada. Mas, nessa altura, já a sociedade livre estará virtualmente chegada; já as coisas serão de outra maneira. A tactica a que me refiro só diz respeito á acção anarchista em meio da sociedade burgueza, como agora, como no grupo a que eu pertencia.

«Era esse — até que emfim! — o verdadeiro processo anarchista. Juntos, nada valiamos, que importasse, e, ainda por cima, nos tyrannizavamos, e nos estorvavamos uns aos outros e ás nossas theorias. Separados, pouco tambem conseguiriamos, mas ao menos não estorvavamos a liberdade, não creavamos tyrannia nova; o que conseguiamos, pouco que fôsse, era realmente conseguido, sem desvantagem nem perda. E, de mais a mais, trabalhando assim separados, aprendiamos a confiar mais em nós-mesmos, a não nos encostarmos uns aos outros, a tornarmo-nos mais livres já, a prepararmo-nos, tanto pessoalmente, como aos outros pelo nosso exemplo, para o futuro.

«Fiquei radiante com esta descoberta. Fui logo expol-a aos meus camaradas... Foi uma das poucas vezes em que fui estupido na minha vida. Imagine v. que eu estava tão cheio da minha descoberta que esperava que elles concordassem!...

— Não concordaram, é claro...

— Repontaram, meu amigo, repontaram todos! Uns mais, outros menos, tudo protestou!... Não era isso!... Isso não podia ser!... Mas ninguem dizia o que era ou o que é que havia de ser. Argumentei e argumentei, e, em resposta aos meus argumentos, não obtive senão phrases, lixo, coisas como essas que os ministros respondem nas camaras.

quando não teem resposta nenhuma... Então é que eu vi com que bestas e com que cobardões estava metido! Desmascararam-se. Aquella corja tinha nascido para escravos. Queriam ser anarchistas á custa alheia. Queriam a liberdade, logo que fôssem os outros que lh'a arranjassem, logo que lhes fôsse dada como um rei dá um titulo! Quasi todos elles são assim, os grandes lacaios!

— E V., escamou-se?

— Se me escamei! Enfureci-me! Puz-me aos coices. Dei por paus e por pedras. Quasi que me peguei com dois ou trez d'elles. E acabei por me vir embora. Isolei-me. Veiu-me um nojo áquella carneirada toda, que V. não imagina! Quasi que descri do anarchismo. Quasi que decidi não me importar mais com tudo aquillo. Mas, passados uns dias, voltei a mim. Pensei que o ideal anarchista estava acima d'estas quesilias. Elles não queriam ser anarchistas? Sel-o-hia eu. Elles queriam só brincar aos libertarios? Não estava eu para brincar num caso d'esses. Elles não tinham força para combater senão encostados uns aos outros, e creando, entre si, um simulacro novo da tyrannia que diziam querer combater? Pois que o fizessem, os parvos, se não serviam para mais. Eu é que não ia ser burguez por tão pouco.

« Estava estabelecido que, no verdadeiro anarchismo, cada um tem que, por suas proprias forças, crear liberdade e combater as ficções sociaes. Pois por minhas proprias forças eu ia crear liberdade e combater as ficções sociaes. Ninguem queria seguir-me no verdadeiro caminho anarchista? Seguiria *eu* por elle. Iria eu só, com os meus recursos, com a minha fé, desacompanhado até do apoio mental dos que tinham sido meus camaradas, contra as ficções sociaes inteiras. Não digo que fôsse um bello gesto, nem um gesto heroico. Foi simplesmente um gesto natural. Se o caminho tinha que ser seguido por cada um separadamente, eu não precisava de mais ninguem para o seguir. Bastava o meu ideal. Foi baseado nestes principios e nestas circunstancias que decidi, por mim só, combater as ficções sociaes.

Suspendeu um pouco o discurso, que se lhe tornára quente e fluido. Retomou-o de alli a pouco, com a voz já mais socegada.

— E' um estado de guerra, pensei eu, entre mim e as ficções sociaes. Muito bem. O que posso eu fazer contra as ficções sociaes? Trabalho sózinho, para não poder, de modo nenhum, crear qualquer tyrannia. Como posso eu collaborar sósinho na preparação da revolução social, na preparação da humanidade para a sociedade livre? Tenho que escolher um de dois processos, dos dois processos que ha; caso, é claro, não possa servir-me de ambos. Os dois processos são a acção indirecta, isto é, a propaganda, e a acção directa, de qualquer especie.

« Pensei primeiro na acção indirecta, isto é, na propaganda. Que propaganda poderia eu fazer só por mim? A' parte esta propaganda que sempre se vae fazendo em conversa, com este ou aquelle, ao acaso e servindo-nos de todas as opportunidades, o que eu queria saber era se a acção indirecta era um caminho por onde eu pudesse encaminhar a minha actividade de anarchista energicamente, isto é, de modo a produzir resultados sensiveis. Vi logo que não podia ser. Não sou orador e não sou escriptor. Quero dizer: sou capaz de fallar em publico, se fôr preciso, e sou capaz de escrever um artigo de jornal; mas o que eu queria averiguar era se o meu feitio natural indicava que, especializando-me na acção indirecta, de qualquer das duas especies ou em ambas, eu poderia obter resultados *mais positivos* para a idéa anarchista que especializando os meus esforços em qualquer outro sentido. Ora a acção é sempre mais proveitosa que a propaganda, excepto para os individuos cujo feitio os indica essencialmente como propagandistas — os grandes oradores, capazes de electrizar multidões e arrastal-as atraz de si, ou os grandes escriptores, capazes de fascinar e convencer com os seus livros. Não me parece que eu seja muito vaidoso, mas, se o sou, não me dá, pelo menos, para me envaidecer d'aquellas qualidades que não tenho. E, como lhe disse, nunca me deu p'ra me julgar orador ou escriptor. Porisso abandonei a idéa da acção indirecta como caminho a dar á minha actividade de anarchista. Por exclusão de partes, era

CABRAL
COUTINHO

forçado a escolher a acção directa, isto é, o esforço applicado á prática da vida, á vida real. Não era a intelligencia, mas a acção. Muito bem. Assim seria.

« Tinha eu pois que applicar á vida práctica o processo fundamental de acção anarchista que eu já tinha esclarecido — combater as ficções sociaes sem crear tyrannia nova, creando já, caso fôsse possivel, qualquer coisa da liberdade futura. Ora como diabo se faz isso na práctica?

« Ora o que é combater na práctica? Combater na práctica é a guerra, é *uma* guerra, pelo menos. Como é que se faz guerra ás ficções sociaes? Antes de mais nada, como é que se faz guerra? Como é que se vence o inimigo em qualquer guerra? De uma de duas maneiras: ou matando-o, isto é, destruindo-o; ou aprisionando-o, isto é, subjugando-o, reduzindo-o á inactividade. *Destruir* as ficções sociaes não podia eu fazer; *destruir* as ficções sociaes só o podia fazer a revolução social. Até alli, as ficções sociaes podiam estar abaladas, cambaleando, por um fio; mas *destruidas,* só o estariam com a vinda da sociedade livre e a queda positiva da sociedade burgueza. O mais que eu poderia fazer nesse sentido era destruir — destruir no sentido physico de matar — um ou outro membro das classes representativas da sociedade burgueza. Estudei o caso, e vi que era asneira. Supponha V. que eu matava um ou dois, ou uma duzia de representantes da tyrannia das ficções sociaes... O resultado? As ficções sociaes ficavam mais abaladas? Não ficavam. As ficções sociaes não são como uma situação politica que pode depender de um pequeno numero de homens, de um só homem por vezes. O que ha de mau nas ficções sociaes são ellas, no seu conjuncto, e não os individuos que as representam senão por serem representantes d'ellas. Depois, um attentado de ordem social produz sempre uma reacção; não só tudo fica na mesma, mas, as mais das vezes, peora. E, ainda por cima, supponha, como é natural, que, depois de um attentado, eu era caçado; era caçado e liquidado, de uma maneira ou outra. E supponha que eu tinha dado cabo de uma duzia de capitalistas. Em que vinha isso tudo dar, em resumo? Com a minha liquidação, ainda que não por morte, mas por simples prisão ou degredo, a causa anarchista perdia um elemento de combate; e os doze capitalistas, que eu teria estendido, não eram doze elementos que a sociedade burgueza tinha perdido, porque os elementos componentes da sociedade burgueza não são elementos de combate, mas elementos puramente passivos, pois que o «combate» está, não nos membros da sociedade burgueza, mas no conjuncto de ficções sociaes, em que essa sociedade assenta. Ora as ficções sociaes não são gente, em quem se possa dar tiros... V. comprehende bem? Não era como o soldado de um exercito que mata doze soldados de um exercito contrario; era como um soldado que mata doze civis da nação do outro exercito. E' matar estupidamente, porque não se elimina combatente nenhum... Eu não podia portanto pensar em *destruir*, nem no todo nem em nenhuma parte, as ficções sociaes. Tinha então que subjugal-as, que vencel-as subjugando-as, reduzindo-as á inactividade.

COUTINHO
CABRAL

Apontou para mim o indicador direito súbito.

— Foi o que eu fiz!

Retirou logo o gesto, e continuou.

— Procurei ver qual era a primeira, a mais importante, das ficções sociaes. Seria a essa que me cumpria, mais que a nenhuma outra, tentar subjugar, tentar reduzir á inactividade. A mais importante, da nossa epocha pelo menos, é o dinheiro. Como subjugar o dinheiro, ou, em palavras mais precisas, a força, ou a tyrannia do dinheiro? Tornando-me livre da sua influencia, da sua força, superior portanto á sua influencia, reduzindo-o á inactividade pelo que me dizia respeito a mim. Pelo que me dizia respeito *a mim*, comprehende V.?, porque *eu* é que o combatia; se fosse reduzil-o á inactividade pelo que respeita o toda a gente, isso não seria já subjugal-o, mas *destruil-o*, porque seria acabar de todo com a ficção dinheiro. Ora eu já lhe provei que qualquer ficção social só pode ser «destruida» pela revolução social, arrastada com as outras na queda da sociedade burgueza.

«Como podia eu tornar-me superior á força do dinheiro? O processo mais simples era

afastar-me da esphera da sua influencia, isto é, da civilização; ir para um campo comer raizes e beber agua das nascentes; andar nu e viver como um animal. Mas isto, mesmo que não houvesse difficuldade em fazel-o, não era combater uma ficção social; não era mesmo combater: era fugir. Realmente, quem se esquiva a travar um combate não é derrotado nele. Mas moralmente é derrotado, porque não se bateu. O processo tinha que ser outro — um processo de combate e não de fuga. Como subjugar o dinheiro, combatendo o? Como furtar-me á sua influencia e tyrannia, não evitando o seu encontro? O processo era só um — *adquiril-o*, adquiril-o em quantidade bastante para lhe não sentir a influencia; e em quanto mais quantidade o adquirisse, tanto mais livre eu estaria d'essa influencia. Foi quando vi isto claramente, com toda a força da minha convicção de anarchista, e toda a minha logica de homem lucido, que entrei na phase actual — a commercial e bancaria, meu amigo — do meu anarchismo.

Descansou um momento da violencia, novamente crescente, do seu enthusiasmo pela sua exposição. Depois continuou, ainda com um certo calor, a sua narrativa.

— Ora V. lembra-se d'aquellas duas difficuldades logicas que eu lhe disse que me haviam surgido no principio da minha carreira de anarchista consciente?... E V. lembra-se de eu lhe dizer que naquella altura as resolvi artificialmente, pelo sentimento e não pela logica? Isto é, V. mesmo notou, e muito bem, que eu não as tinha resolvido pela logica...

— Lembro-me, sim...

— E V. lembra-se de eu lhe dizer que mais tarde, quando acertei por fim com o verdadeiro processo anarchista, as resolvi então de vez, isto é, pela logica?

— Sim.

— Ora veja como ficaram resolvidas... As difficuldades eram estas: não é *natural* trabalhar por qualquer coisa, seja o que fôr, sem uma compensão *natural*, isto é, egoista; e não é *natural* dar o nosso exforço a qualquer fim sem ter a compensação de saber *que esse fim se attinge*. As duas difficuldades eram estas; ora repare como ficam resolvidas pelo processo de trabalho anarchista que o meu raciocinio me levou a descobrir como sendo o unico verdadeiro... O processo dá em resultado eu enriquecer; *portanto, compensação egoista*. O processo visa ao conseguimento da liberdade; ora eu, tornando-me superior á força do dinheiro, isto é, libertando me d'ella, *consigo liberdade*. Consigo liberdade só para mim, é certo; mas é que como já lhe provei, a liberdade para todos só pode vir com a destruição das ficções sociaes, pela revolução social, e eu, só por mim, não posso fazer a revolução social. O ponto concreto é este: viso liberdade, consigo liberdade: consigo a liberdade que posso, porque, é claro, não posso conseguir a que não posso... E veja V.: àparte o raciocinio que determina este processo anarchista como o unico verdadeiro, o facto que elle resolve automaticamente as difficuldades logicas, que se podem oppôr a qualquer processo anarchista, mais prova que elle é o verdadeiro.

CABRAL COUTINHO

«Pois foi este o processo que eu segui. Metti hombros á empreza de subjugar a ficção dinheiro, enriquecendo. Consegui. Levou um certo tempo, porque a lucta foi grande, mas consegui. Excuso de lhe contar o que foi e o que tem sido a minha vida commercial e bancaria. Podia ser interessante, em certos pontos sobretudo, mas já não pertence ao assumpto. Trabalhei, luctei, ganhei dinheiro; trabalhei mais, luctei mais, ganhei mais dinheiro; ganhei muito dinheiro porfim. Não olhei a processos — confesso-lhe, meu amigo, que não olhei a processos; empreguei tudo quanto ha — o açambarcamento, o sophisma financeiro, a propria concorrencia desleal. O quê?! Eu combatia as ficções sociaes, immoraes e antinaturaes por excellencia, e havia de olhar a processos?! Eu trabalhava pela liberdade, e havia de olhar ás armas com que combatia a tyrannia?! O anarchista estupido, que atira bombas e dá tiros, bem sabe que mata, e bem sabe que as suas doutrinas não incluem a pena de morte. Ataca uma immoralidade com um crime, porque acha que essa immoralidade vale um crime para se destruir. Elle é estupido quanto ao processo, porque, como já lhe mos-

trei, esse processo é errado e contraproducente *como processo anarchista;* agora quanto á *moral* do processo elle é intelligente. Ora o meu processo estava certo, e eu servia-me legitimamente, como anarchista, de todos os meios para enriquecer. Hoje realizei o meu limitado sonho de anarchista práctico e lucido. Sou livre. Faço o que quero, dentro, é claro, do que é possivel fazer. O meu lemma de anarchista era a liberdade; pois bem, tenho a liberdade, a liberdade que, por emquanto, na nossa sociedade imperfeita, é possivel ter. Quiz combater as forças sociaes; combati-as, e, o que é mais, venci-as.

— Alto lá! alto lá! disse eu. Isso estará tudo muito bem, mas ha uma cousa que v. não viu. As condições do seu processo eram, como v. provou, não só crear liberdade, mas tambem *não crear tyrannia.* Ora v. creou tyrannia. V. como açambarcador, como banqueiro, como financeiro sem escrupulos — v. desculpe, mas v. é que o disse, — v. creou tyrannia. V. creou tanta tyrannia como qualquer outro representante das ficções sociaes, que v. diz que combate.

— Não, meu velho, v. engana-se. Eu não creei tyrannia. A tyrannia, que pode ter resultado da minha acção de combate contra as ficções sociaes, é uma tyrannia que não parte de mim, que portanto eu não creei; *está nas ficções sociaes, eu não a juntei a ellas.* Essa tyrannia *é a propria tyrannia das ficções sociaes;* e eu não podia, nem me propuz, *destruir* as ficções sociaes. Pela centesima vez lhe repito: só a revolução social pode *destruir* as ficções sociaes; antes d'isso, a acção anarchista perfeita, como a minha, só pode *subjugar* as ficções sociaes, subjugal-as em relação só ao anarchista que põe esse processo em práctica, porque esse processo não permitte uma mais larga sujeição d'essas ficções. Não é de não crear tyrannia que se trata: é de não crear *tyrannia nova,* tyrannia *onde não estava.* Os anarchistas, trabalhando em conjuncto, influenciando se uns aos outros como eu lhe disse, criam *entre si,* fóra e áparte das ficções sociaes, uma tyrannia; *essa* é que é uma tyrannia nova. Essa, eu não a creei. Não a podia mesmo crear, *pelas proprias condições do meu processo.* Não, meu amigo; eu só creei liberdade. Libertei *um.* Libertei-me a mim. E' que o meu processo, que é, como lhe provei, o unico verdadeiro processo anarchista, me não permittiu libertar mais. O que pude libertar, libertei.

COUTINHO
CABRAL

— Está bem... Concordo... Mas olhe que, por esse argumento, a gente quasi que é levada a crer que nenhum representante das ficções sociaes exerce tyrannia...

— E não exerce. A tyrannia é das ficções sociaes e não dos homens que as incarnam; esses são, por assim dizer, *os meios* de que as ficções se servem para tyrannizar, como a faca é o meio de que se pode servir o assassino. E v. decerto não julga que abolindo as facas abole os assassinos... Olhe... Destrua v. *todos* os capitalistas do mundo, mas *sem destruir o capital*... No dia seguinte o capital, já nas mãos de outros, continuará, por meio *d'esses,* a sua tyrannia. Destrua, não os capitalistas, mas o capital; quantos capitalistas ficam?... Vê?...

— Sim; v. tem razão.

— O' filho, o maximo, o maximo, o maximo que v. me pode accusar de fazer é de augmentar um pouco, — muito, muito pouco — a tyrannia das ficções sociaes. O argumento é absurdo, porque como já lhe disse, a tyrannia que eu não devia crear, e não creei, é outra. Mas tem mais um ponto fraco: é que, pelo mesmo raciocinio, v. pode accusar um general, que trava combate pelo seu paiz, de causar ao seu paiz o prejuizo do numero de homens *do seu proprio exercito* que teve de sacrificar para vencer. Quem vae á guerra, dá e leva. Consiga-se o principal; o resto...

— Está muito bem... Mas olhe lá outra cousa... O verdadeiro anarchista quer a liberdade não só para si, mas tambem para os outros... Parece-me que quer a liberdade para a humanidade inteira...

— Sem duvida. Mas eu já lhe disse que, pelo processo que descobri que era o unico processo anarchista, cada um tem de libertar-se a si-proprio. Eu libertei me a mim; fiz o meu dever simultaneamente para commigo e para com a liberdade. Porque é que os outros,

os meus camaradas, não fizeram o mesmo? Eu não os impedi. Esse é que teria sido o crime, se eu os tivesse impedido. Mas eu nem sequer os impedi occultando-lhes o verdadeiro processo anarchista; logo que descobri o processo, disse-o claramente a todos. O proprio processo me impedia de fazer mais. Que mais podia eu fazer? Compellil-os a seguir o caminho? Mesmo que o pudesse fazer, não o faria, porque seria tirar-lhes a liberdade, e isso era contra os meus principios anarchistas. Auxilial-os? Tambem não podia ser, pela mesma razão. Eu nunca ajudei, nem ajudo, ninguem, porque isso, sendo diminuir a liberdade alheia, é tambem contra os meus principios. V. o que me está censurando é eu não ser mais gente que uma pessoa só. Porque me censura o cumprimento do meu dever de libertar, até onde eu o podia cumprir? Porque não os censura antes a elles por não terem cumprido o d'elles?

—Pois sim, homem. Mas esses homens não fizeram o que V. fez, naturalmente, por que eram menos intelligentes que V., ou menos fortes de vontade, ou...

—Ah, meu amigo: essas são já as desegualdades naturaes, e não as sociaes... Com essas é que o anarchismo não tem nada. O grau de intelligencia ou de vontade de um individuo é com elle e com a Natureza; as proprias ficções sociaes não põem pr'ahi nem prego nem estopa. Ha qualidades naturaes, como eu já lhe disse, que se pode presumir que sejam pervertidas pela longa permanencia da humanidade entre ficções sociaes; mas a perversão não está no *grau* da qualidade, que é absolutamente dado pela Natureza, mas na *applicação* da qualidade. Ora uma questão de estupidez ou de falta de vontade não tem que vêr com a applicação d'essas qualidades, mas só com o grau d'ellas. Por isso lhe digo: essas são já absolutamente as desegualdades naturaes, e sobre essas ninguem tem poder nenhum, nem ha modificação social que a modifique, como não me pode tornar a mim alto ou a V. baixo...

«A não ser... A não ser que, no caso d'esses typos, a perversão hereditaria das qualidades naturaes vá tão longe que attinja o proprio fundo do temperamento... Sim, que um typo nasça para escravo, nasça naturalmente escravo, e portanto incapaz de qualquer esforço no sentido de se libertar... Mas nesse caso..., nesse caso..., que tem elles que vêr com a sociedade livre, ou com a liberdade?... Se um homem nasceu para escravo, a liberdade, sendo contrária á sua indole, será para elle uma tyrannia.

Houve uma pequena pausa. De repente ri alto.

—Realmente, disse eu, V. é anarchista. Em todo o caso, dá vontade de rir, mesmo depois de o ter ouvido, comparar o que V. é com o que são os anarchistas que pr'ahi ha...

—Meu amigo, eu já lh'o disse, já lh'o provei, e agora repito-lh'o... A differença é só esta: elles são anarchistas só theoricos, eu sou theorico e práctico; elles são anarchistas mysticos, e eu scientifico; elles são anarchistas que se agacham, eu sou um anarchista que combate e liberta... Em uma palavra: elles são pseudo-anarchistas, e eu sou anarchista.

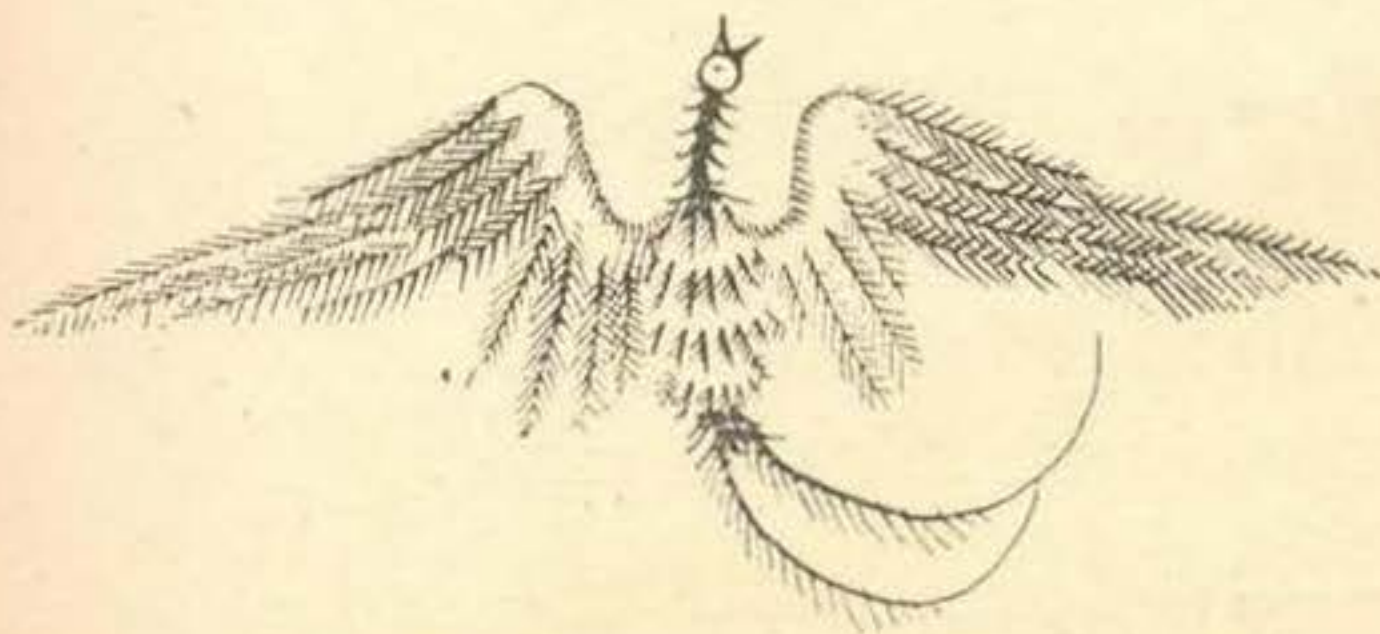
E levantámo-nos da mesa.

Lisboa, Janeiro de 1922.

CABRAL COUTINHO

No proximo numero publicaremos o estudo critico de Fernando Pessoa: ANTONIO BOTTO E O IDEAL ESTHETICO EM PORTUGAL

ERNESTO DO CANTO
VARINAS

DO
LIVRO DE VERSOS
DEIXADO INÉDITO POR
MARIO DE SÁ-CARNEIRO
POEMAS DE PARIS

Paris da minha ternura
Onde estava a minha Obra—
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha Aventura.

Ó meu Paris, meu menino,
Meu inefavel brinquedo...
—Paris do lindo segrêdo
Ausente no meu destino.

CABRAL
COUTINHO

Regaço de namorada,
Meu enleio apetecido—
Meu vinho d'Oiro bebido
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma—
Ponte sôbre o meu revez:
Consolo da viuvez
Sempre noiva da minh'Alma...

Ó fita benta de côr,
Compressa das minhas feridas...
—O' minhas unhas polidas,
—Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de ânos,
Minha festa de veludo...
Paris: derradeiro escudo,
Silencio dos meus enganos.

Milagroso carroussel
Em feira de fantasia—
Meu orgão de Barbaria,
Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura
Minha cidade com rosto...
—Ai, meu acerado gosto,
Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris—meu lobo e amigo...
—Quisera dormir contigo,
Ser todo a tua mulher!...

Paris — setembro de 1915

HISTOIRE DU PORTUGAL PAR CŒUR

illustrée aux couleurs nationales

par

almada

COUTINHO
CABRAL

par cœur, c'est-á-dire — c'est le cœur qui s'en souvient!

Paris 1919

Dédicace perpétuelle:

A Toi, pour que tu ne crois que je vais le dédier á une autre.

CABRAL
COUTINHO

Mosteiro de Santa Maria da Victoria, 1920

A MEU IRMÃO ANTONIO
DE CAVALARIA 4

Na Cova da Batalha ficou dita um dia para sempre a Vontade de Portugal.

As torres da Vontade de Portugal veem desde o fundo da Cova, direitas, até ficarem mais altas do que os montes em redor.

— Foi a Fé d'O Povo-Mais-Pequeno que encheu
de confiança uma Cova vazia
na terra Portugueza!

A HISTOIRE DU PORTUGAL PAR CŒUR foi escripta para ser espalhada por todas as partes, depois de julgada por todos os Portuguezes.

Está em francez, porque foi assim que ensinei aos extrangeiros a Raça onde nasci.

Sejam quaes forem os Portuguezes, todos podem julgar a minha HISTOIRE DU PORTUGAL PAR CŒUR. E se houver entre Portuguezes quem não tenha uma iniciação litteraria, tanto melhor, para poder julgar o que eu quiz escrever por Nós todos.

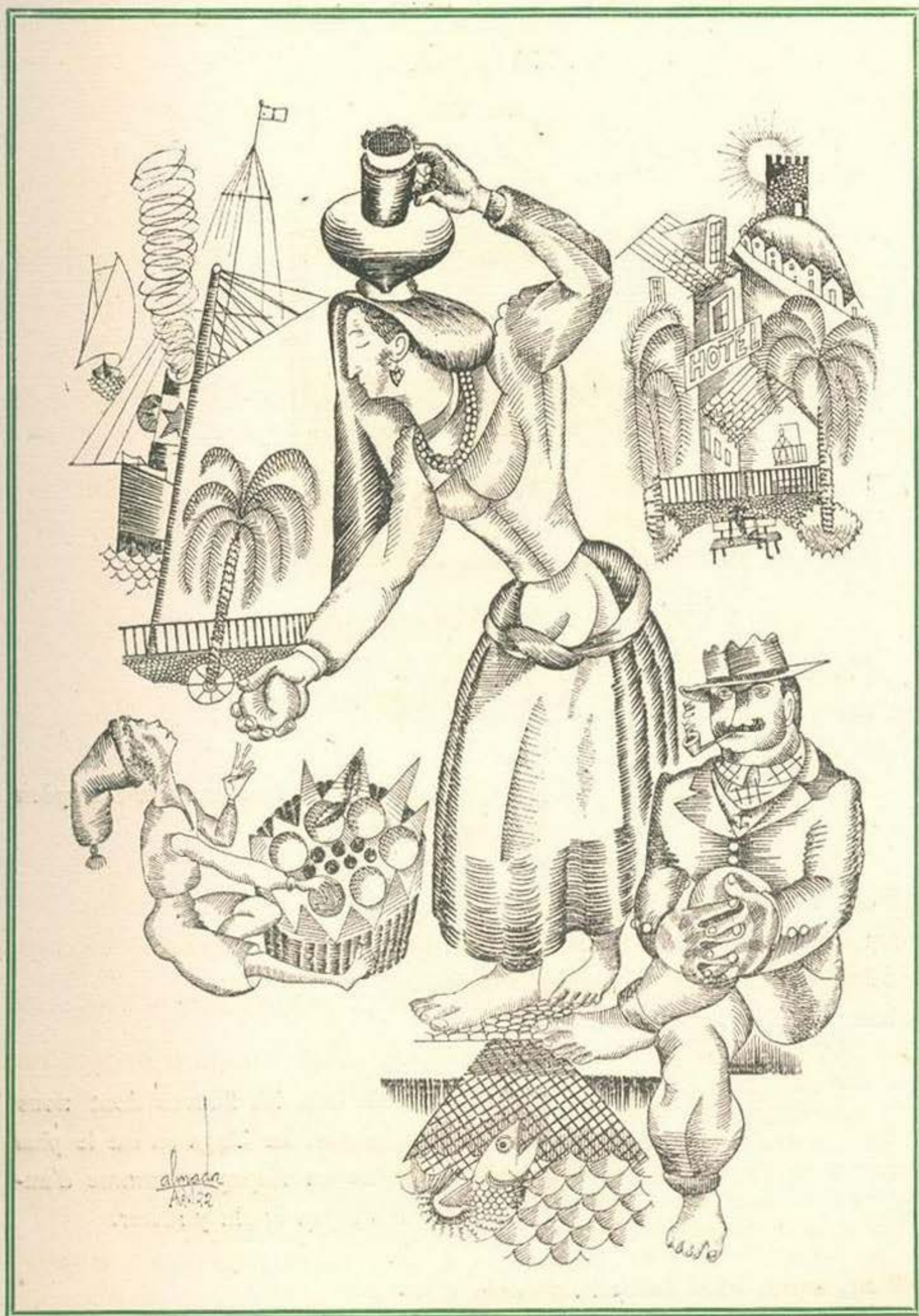
Mas, inesperadamente, (porque os Portuguezes nunca se denunciam na maneira de melhor servir a sua terra), dois Portuguezes acabam de provar que elles serão o melhor jury do valor nacional da minha HISTOIRE DU PORTUGAL PAR CŒUR.

Esses dois Portuguezes chamam-se Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A elles dois venho pedir para que me digam se a minha HISTOIRE DU PORTUGAL PAR CŒUR, deve ser, na verdade, espalhada por todas as partes ou rasgada para sempre, comigo proprio.

Aguardo de joelhos, a sua resposta, com a HISTOIRE DU PORTUGAL PAR CŒUR sobre o meu peito, onde guardo quotidianamente a ambição que não cedo a ninguem — de querer ser eu o melhor de todos os Portuguezes!

LX. ABRIL 1922.

almada

COUTINHO
CABRAL

Lisbôa

TEJO, lombada do meu poema aberto em paginas de Sol

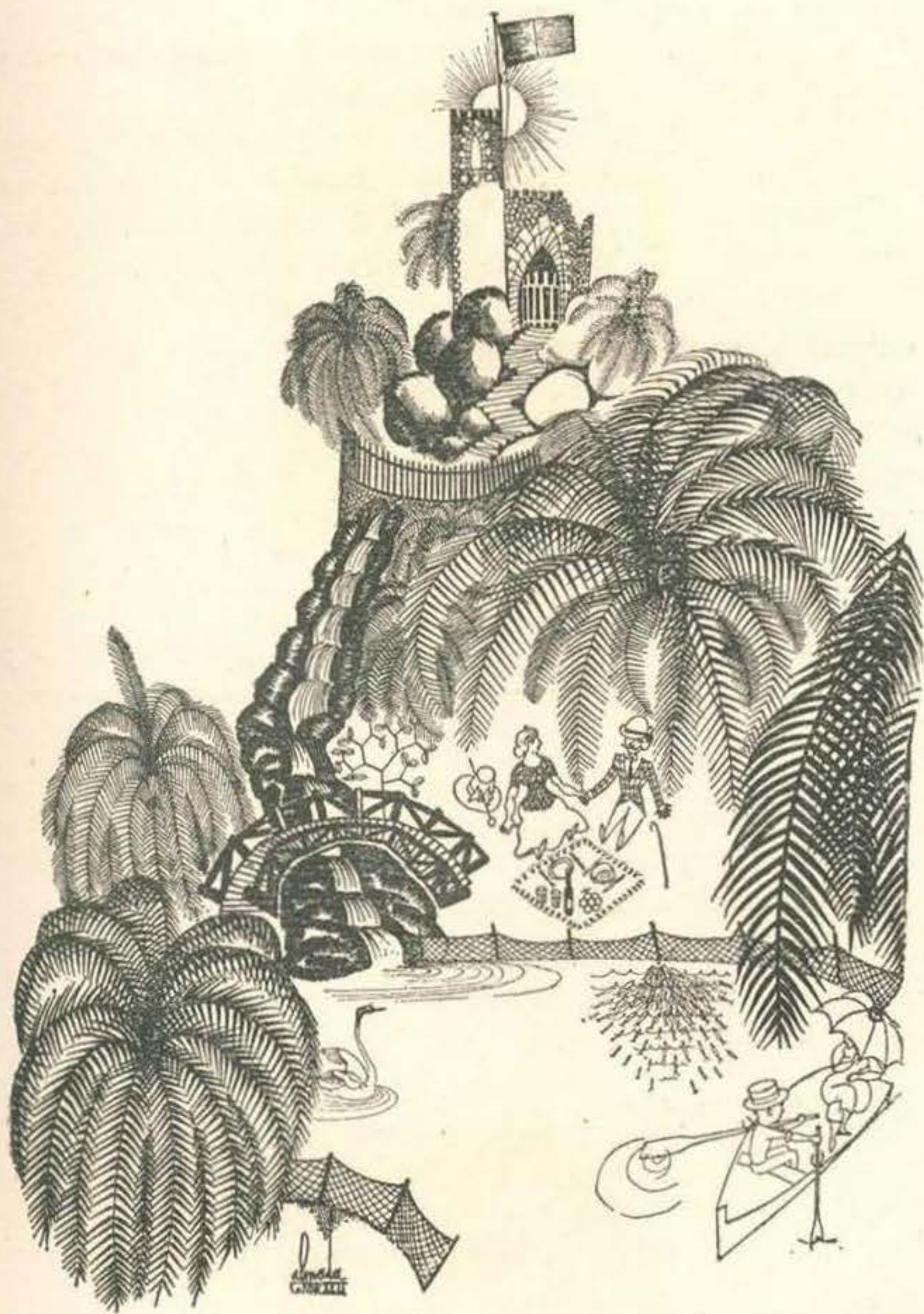
CABRAL COUTINHO

Le Portugal se trouve là-bas, dans un endroit du Sud-Ouest de l'Europe le plus éloigné de Paris.

Le Portugal est le dernier cœur Européen avant la Mer.

Nous avons notre Soleil National Portugais qui fait grandir les pastèques et qui rend les femmes belles comme des pommes et les hommes dûrs comme des mâts.

Nous avons tous les fleuves dont nous avions besoin. Le Tage en est le plus grand: il est né en Espagne, comme d'autres, mais il n'a pas voulu y rester.

Nous avons aussi des petits chevaux d'ancienne râce méridionale, tâchetés comme des vâches et qui n'ont jamais eu de pareil. Ils se promènent après le diner, tout fiers d'être Portugais.

COUTINHO
CABRAL

Sintra

Nous avons aussi des vendeuses de poisson qui vont dans les rues comme les bateaux sur Mer.

— Elles ont le goût du sel. Dans leurs panniers elles portent la Mer.

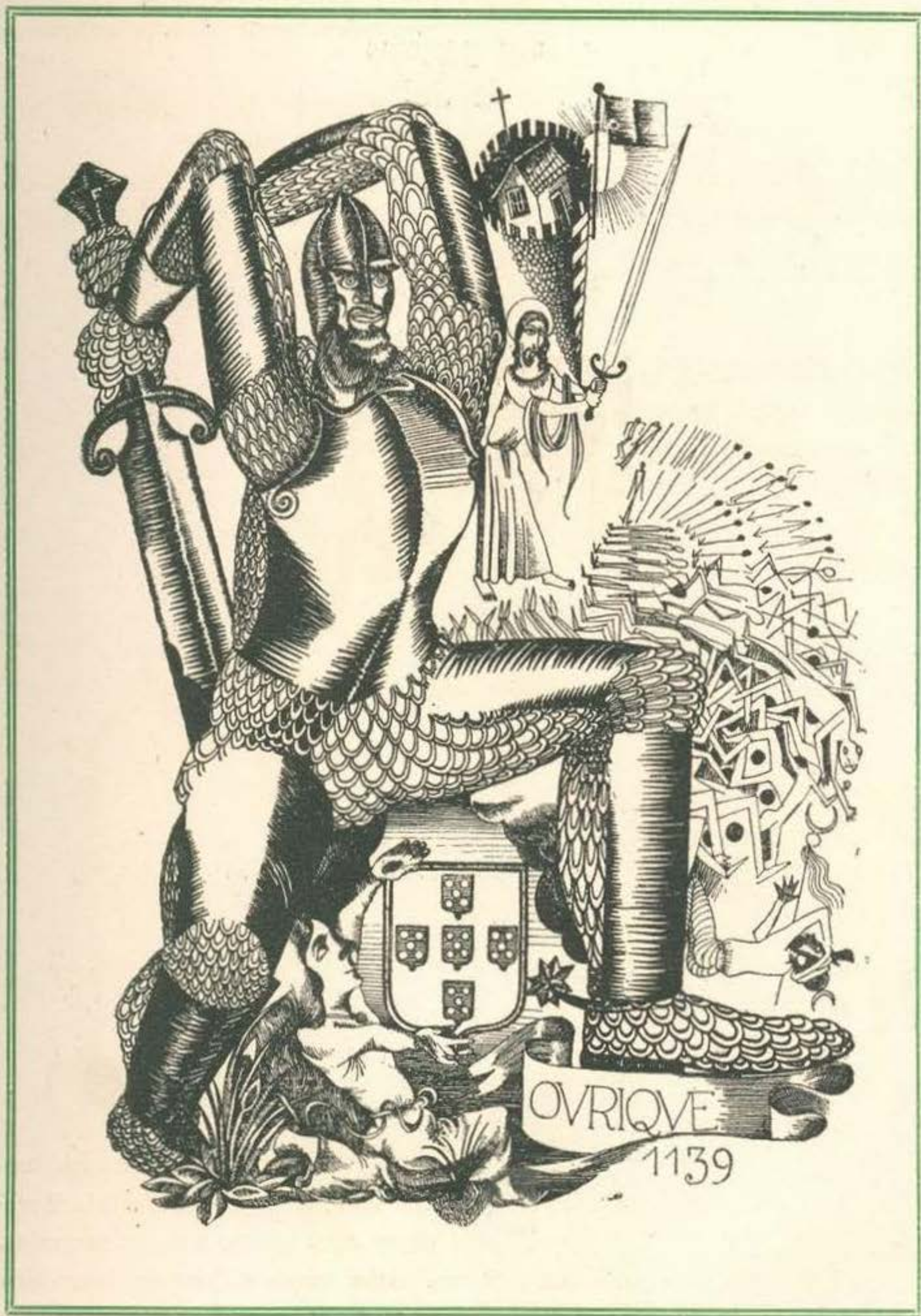
Elles se marient avec les pêcheurs qui ont des têtes d'Océan et pantalons bleu-marin. (Au bout d'une dixaine d'années cela fait une dixaine de petits matelots tout neufs!)

Le dimanche on va déjeuner sur l'herbe pour voir notre Soleil National Portugais faire grandir les pastéques au tour de petites maisons blanchies où l'on fait encore des Portugais. Les femmes du Portugal sont les seules qui sachent faire des Portugais!

Le Dimanche on cherche une Maria pour se marier. Tous les mariages commencent par un Dimanche!

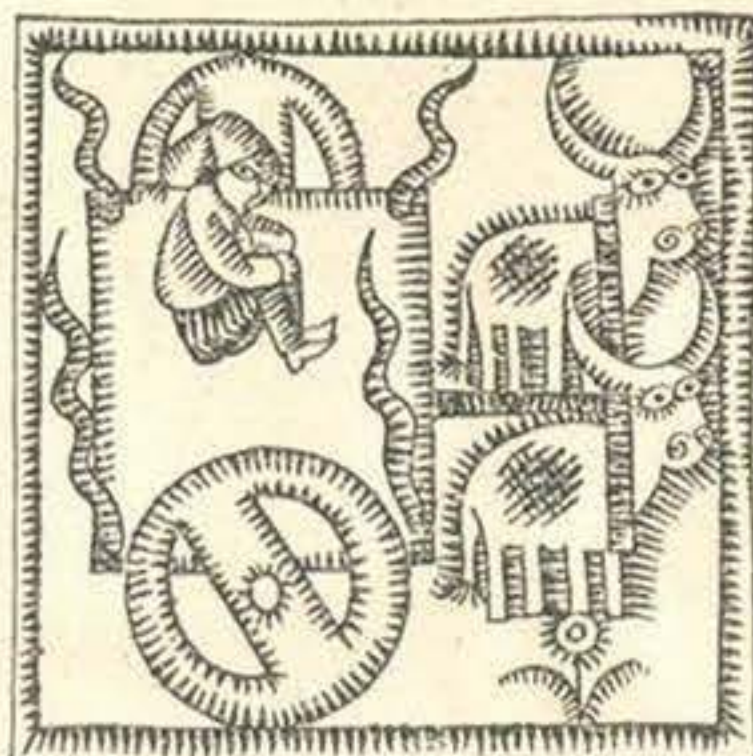
Moi aussi, j'aime une Maria! Je voudrais bien que ce soit la Mienne: je trouve qu'Elle est la plus jolie et Elle crois que je suis le plus intelligent!

Nous nous marierons, tout le monde le dit!

CABRAL
COUTINHO

COUTINHO
I. CABRAL

Dom Afonso Henriques

TEJO, lombada do meu poema aberto
em paginas
de Sol

COUTINHO
CABRAL

Notre premier Roi fut un géant. On dit que, de ce fait, il fut Roi.

Dans une guerre contre les sarrasins, notre 1.^{er} Roi perdit tous ses soldats. Il resta seul en combat contre tous les sarrasins.

Notre-Seigneur Jésus-Christ vint à son aide et tous deux ont gagné la guerre contre tous les sarrasins.

Ceci est raconté en héraldique par le drapeau Portugais.

CABRAL
COUTINHO

O Infante Dom Henrique

AU moyen-âge, où l'on a beauccoup pensé, le Roy Jean Premier, dit celui de Bonne Renommée, s'est marié (avec le consentement du peuple Portugais) à une très jolie dame Anglaise laquelle acoucha de 4 des plus grands Portugais:

Un SAINT, un ROI, un HERO et un SAGE.

Celui-ci fut grand mathématicien. Il fit de la mathématique dans un temps où il fallait encore inventer de la mathématique.

CABRAL COUTINHO

Il choisit un endroit dans le midi du Portugal, tout contre la Mer—pour déchifrer la Mer! C'est là l'endroit du Portugal le plus éloigné de Paris!

Et tout ceci se passait dans un temps où la Mer avait de terribles serpents dans la tête des marins.

Ce sage prince dessinait jour et nuit le mappemond. Quand ce fut fait, il fit bâtir des vaisseaux et des vaisseaux, pour qu'ils allassent répéter sur sr Mer les lignes au crayon qu'il avait tracées sur son mappemond.

Les vaisseaux sont partis, et quand les vaisseaux revinrent, les lignes au crayon que le Sage avait tracées sur son mappemond, étaient exactement vraies! elles avaient été parfaitement bien imaginées!

Depuis ce jour, l'Europe commença à devenir bien plus grande que sur la carte.

Un autre Portugais fait, le premier, le tour du monde, tout comme l'œil fait le rond de l'orange.

Sur terre aussi, nous avons été très grands. Guillaume Apollinaire connut un Portugais, Dom Pedro d'Alfarrobeira qui est revenu de son 7ème voyage.

> **«Avec ses quatre dromadaires**
> **courut le monde et l'admira.**
> **Il fit ce que je voulais faire**
> **si j'avait quatre dromadaires»,**

dit Guillaume Apollinaire sur ce Portugais-là.

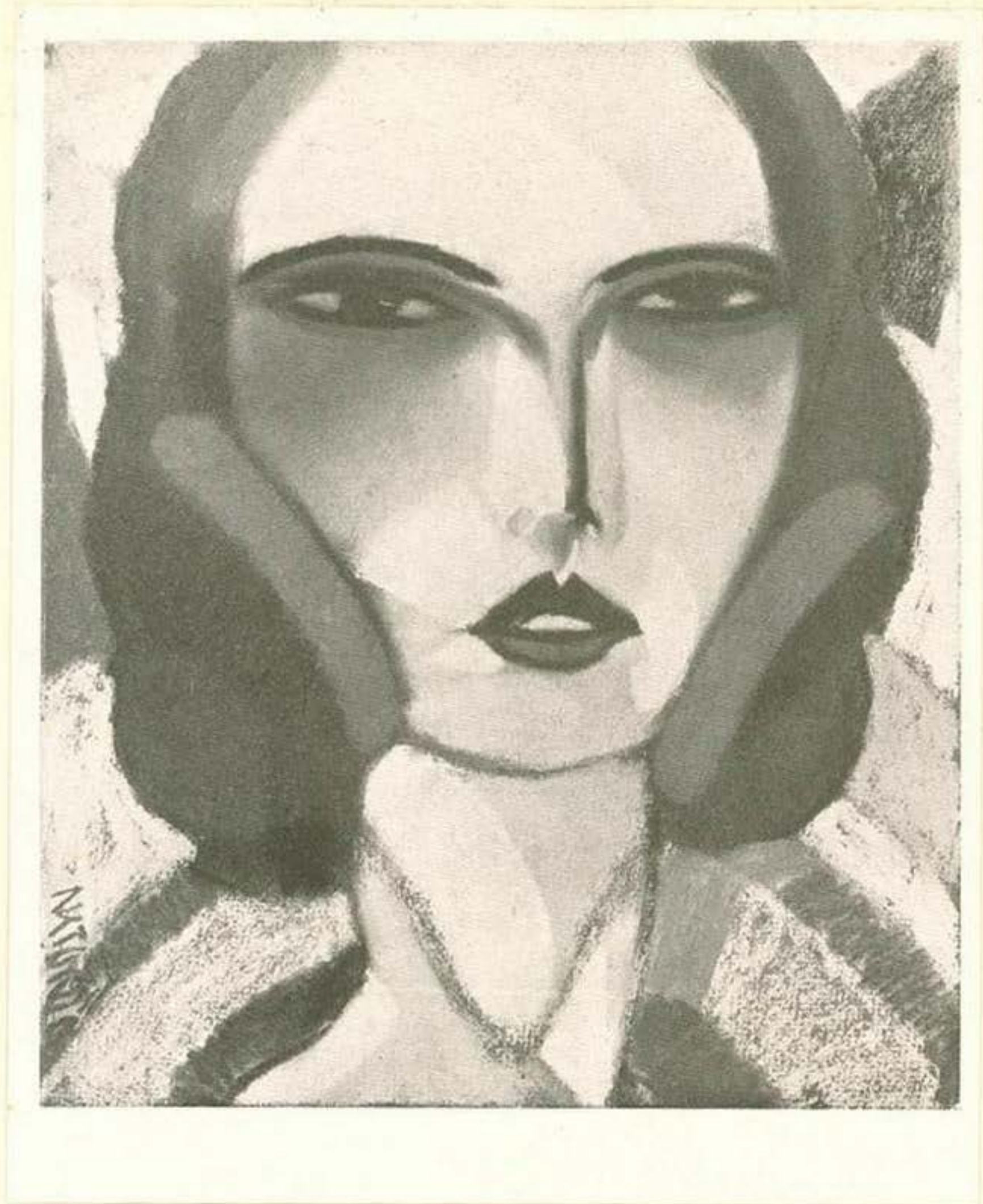
Un jour, Dom Sebastião, notre Roi le plus jeune, notre plus beau Roi, rassembla toute la jeunesse Portugaise pour accomplir la grande Victoire.

Mais Dieu garda cette Victoire, en attendant... en attendant demain... en attendant toujours demain...

...Nous attendant, nous autres, les Portugais d'aujourd'hui!

Paris, 7 Avril 1919.

José de Almada

COUTINHO
CABRAL

ANTONIO SOARES
CABEÇA CONTEMPORANEA

Podes levar as rosas que trouxeste.

Não as quero,
Nem me digas
Que has de ser perpetuamente
O motivo mais ardente
—O maior motivo
Das minhas cantigas.

Enganámo-nos, meu bem!

Agora que já conheço
Todo o sabor dos teus beijos,
Quero-te menos, e sinto
A febre de outros desejos
Que não podes entender...

Mas hei de lembrar-te, juro.
E tanto..., quanto puder.

COUTINHO
CABRAL

ANTONIO BOTTO

TEATRO

A PROPOSITO DE

A CASACA ENCARNADA

CABRAL COUTINHO

Disse-nos Vitoriano Braga seu autor, que esta peça, a que não dá dentro da sua obra o primeiro logar, como realisação do que ele entende por sua directriz dramatologica, a escreveu apenas no intuito de conciliar a minoria intelectual com a maioria emotiva da plateia.

Esta tentativa, — já anteriormente exercida na sua outra peça O SALON DE MADAME XAVIER — trouxe-lhe com os aplausos, o natural desvio da sua objectividade inicial marcada com o OCTAVIO, onde Vitoriano se afirmou como artista, entre as palmas discretas da minoria, e a insensibilidade do grande publico, que ficou ante a obra, como um cão diante dum palacio. A partir desse instante, Vitoriano Braga entendeu que não era esse o caminho para rapidamente atingir o profissionalismo; e na pressa de conquistar um logar, demonstrando que sabia escrever para todo o publico, o artista emprestou ao dramaturgo as mais compativeis faculdades de origem, e desapareceu o artista, para dar logar ao "homem de teatro". Eis como ele venceu sendo vencido.

Agora, analisando na melhor intenção a verdade do caso, vemos que, — a sua reforma digamos — conseguiu vincar por dois aspectos a par e passo visiveis: Sarcasmo e Sentimento; como que duas grandes vibrações atravez das suas peças melhor recebidas: O SALON DE MADAME XAVIER e A CASACA ENCARNADA. Ambas podem ter um ou outro defeito de idealisação ou de tecnica. Alguns lhe foram apontados. Pena é que a critica na sua missão oficiosa de ter que falar no "dia seguinte", não possa investigar primeiro a razão dos defeitos que regaladamente destaca.

Ora no caso de Vitoriano, não serão esses defeitos, precisamente os pontos onde o artista se não conciliou com o "homem de teatro"? Onde portanto o dramaturgo foi obrigado pelo profissionalismo a realisar de forma, que todos sem excepção o entendessem?

Passando do que por ahi se chama "teatro de tése" para o "teatro de acção", o autor, ainda não conseguiu talvez desenvencilhar-se por completo da primeira fase, onde, seja dito de passagem, certos intelectuais o preferem. Nós preferimos Vitoriano Braga no segundo aspecto. E' mais ele: sentimental e sarcástico. E isto que para muitos pode constituir um erro quanto á missão do autor, talvez o não seja, porque foi assim que Vitoriano vingou. Aguardemos nova peça, que a não ser impecavel, terá pelo menos a superioridade de se não resentir já da influencia do seu primeiro aspecto dramatico. O que o autor pretende é reproduzir a sua época, e A CASACA ENCARNADA é um brilhante ensaio dessa pretensão. E não lhe censurem os defeitos, para não culparmos deles o publico que fórça o artista a desviar-se do seu curso inicial, para tomar um rumo de todo em todo acessivel á emoção popular.

O. M.

MUSICA

OTE bem, estas palavras são mais do sentir que do pensar. Porque não ha em todas as Artes uma que mais seja do que esta exclus vamente dos sentidos e da alma. A Arte da Musica, de que Camilo Mauclair fez uma Religião.

Aquele Brailowsky conseguia uma cabeça de artista impopular e exotico. Era verdadeiramente um musico de camara. Tinha na madeixa recurvada e magra que lhe chegava ao queixo, uma linha denunciante de Raça. No olhar estranho aos aplausos a tára da grande tristeza slava. Nas mãos descarnadas tinha ele a sua predestinação de Raro, a virtude gratissima de medium. A's vezes as frases não se repassavam bem de ternura, não lhe chegavam bem ao coração. *Eusebius* e *Florestan* foram nos seus dedos um esforço inutil. *Chiarina* e *Estrela* tambem. Nem Schumann nem Clara Wiek sairam amorosamente perfeitos dessas quatro paginas do *Carnaval*. O medium não compreendeu ou não se extasiou na concepção virtiginosa e estravagante do louco de Endenich...

No coração de Brailowsky passou unicamente Chopin. Oh! Mas esse...

A valsa em *molto vivace* resultou uma revelação. Aquele turbilhão de notas não era afinal uma vertigem escancarada e doida, podia ser até um segredo candido d'amor...

A *polonaise* em *lá bemol* tanto era um canto de guerra como um canto d'amor. Estavam lá os sentimentos todos que começam da terra para o espaço. O que Chopin quiz dizer disse-o Brailowsky, seu irmão mais novo... O brinde de *wödka* contado por Wladislau Raymont, o *zäl* incompreendido de Elie Poirée — a saudade que têm os polacos; o amor vermelho que gera os beijos de sangue; o odio violento e eterno do quem se não vinga; a neve que dura um inverno todo e ao fim dos anos conduz a esperança aos braços do Cristo num altar...

Nunca compreendi tão bem porque deitaram sobre o coval de Chopin, no Père Lachaise, trez punhados de terra da Polonia...

COUTINHO CABRAL

Fazei mais o que souberdes diz a legenda camoneana do Sam Luis naquela altura em que está mesmo colocada a multidão estatica dos concertos.

Se fôr uma divisa religiosa, a Religião não se cumpre e a divisa vai cobrir-se de pó, a pouco e pouco. Faltam os sacerdotes no Altar e os holocaustos no sacrificio da missa. O evangelho de Beethoven não é resado no curso das nove sinfonias, e não se respeita, no Novo Testamento, nem os descritivos de Ricardo Strauss nem o curso irisado do *debussysmo*.

Entraram os vendilhões no templo e o Nazareno ainda não passou com o azorrague. No entanto salvou-se toda a beleza pueril do *menuetto* de Bolzoni.

Marie Antoinette Aussenac tem nos dedos uma grande inconstancia tatil. Não se sabe nunca se ela vai parar um minuto a conversar conosco. Toca e nós andamos atraz dos sentimentos, a jogar as escondidas. Ás vezes, quando os nossos labios seduzidos pela ternura cromatica dum trecho vão a formar um beijo, um beijo d'amor, aparece-nos abruptamente os labios duma creança naquela cabeça, umas vezes de creança, outras vezes de mulher. Essa inconstancia, delicada como a traição de todas as mulheres, é o grande prodigio da sua Arte imensamente grande. Onde porem ela consegue ser perfeita, perfeita sem arrebatar os sentidos, sem lhes fazer doer, é no *Preludio, Coral e Fuga* de Cesar Frank, no *Jeu d'eau* de Ravel.

Quem ha por aí que não sonhe com as noivas quando ouve tocar Marie Antoinette Aussenac?

CABRAL COUTINHO

O primeiro concerto de Rui Coelho tem muitos aspectos. O primeiro aspecto é o Coliseu. Todos que lá fomos levámos o desejo telepatico, inconfessado, de ir para outra camara... Se nós pudessemos crear os ambientes exageradamente delicados que a Musica requere, seria ela a melhor linguagem dos homens para o dialogo com Deus. Depois a orquestra posta no redondél tinha perdido o seu logar. O logar das orquestras é no Altar, para nós resarmos todos virados para o Altar. Assim, vimos *o outro lado* e desvendou-se o misterio, logo no *Oberon*. Para lá do *Oberon* havia tambem gente a ouvir. Eu hoje já sei como é que se toca o *Oberon*.

A Cantiga do Ladrão lembrou-me as figueiras que se estorcem no SÓ, Toada lugubre, repassada d'odio, representa um drama vesgo e *fialhesco*. E' a verdade sem coragem para deixar de ser mentira, de ser renuncia, de ser debilidade. O braço que maldiz o Céo porque não é bastante para lá chegar. Aquele destino que se enganou na encruzilhada e se perdeu no caminho para a Morte.

A *Camoneana* passou arrebatada como um vendaval Eu não quero que esteja ali a Historia Pátria, porque nela tudo é afectivo desde a Gloria até á Dôr. O drama de Pedro e Ignez como a coragem do Principe Perfeito são motivos eternos de ternura. A Historia de Portugal vai toda ter ao coração da Raça. E' necessario saber dizer-lhe sempre as palavras de Encantamento.

E' então em *Nun'Alvares* que se plasma a nossa virtude emotiva. Assistimos, indubitavelmente assistimos, ao proprio valor de ha cinco seculos. O condestavel lá está, não já descido ao burel de Frei Nuno de Santa Maria, mas com os braços hirtos e bravos, cravados no montante, á frente da sua legião dos Namorados. Não individualmente como bravo-Maior entre a cohorte dos bravos, mas feito simbolo dos destinos da Patria na hora angustiosa de Aljubarrota. E' assim que ele aparece, defendido na cota de malha, vislumbrado á nossa imaginação de descendentes. O grito de guerra, o motivo heroico da bela partitura, anda á volta dele, num rodopio de coragem, a erguer-se e a ergue-lo ainda mais. Depois, na acção de graças — Ave-Maria, orai por nós, portuguezes... — é a Raça a mistificar-se ainda á volta do Guerreiro-Santo, é a Bandeira das Quinas, só tombada para orar, a orar com ele na hora compensadora da Victoria, o Mosteiro da Batalha a levantar-se, a deificar a Coragem. Aqui sinceramente todos nos encontrámos, logar comum da Patria, ligados uns aos outros pelo traço d'união do Sangue e da Lingua. Perdeu-se a intenção dos clowns na sala, no redondel e nos cartazes. Os trapezios perderam-se, não havia luctadores á noite, nem nada. Rui Coelho tinha--nos dominado com o poder do seu talento.

L. M.

JOÃO VAZ
PESCADORES

UMA CARTA DO DR. ALVES DE AZEVEDO

meu caro José Pacheco

CABRAL COUTINHO

TANTO tem instado o meu amigo para que eu traga o meu tributo, a meu ver mais que modesto, á tão louvavel campanha em que anda empenhado que finalmente, me resolvo a transigir com os seus desejos.

Quer então que lhe exponha quais as razões porque tão entusiasticamente acedi ao seu convite de fazer parte dos noves socios, que pretendem entrar para a Sociedade Nacional de Belas Artes? Ahi vão elas e que a sinceridade com que lhas digo possa ao menos relevar um pouco, o pouco brilho com que as exponho.

Por um defeito de raça, que bem poderia ser uma qualidade, todos os portugueses medianamente instruidos, dão um largo quinhão nas preocupações do seu espirito aos problemas politicos do nosso paiz. Qual de entre nós não tem sempre ao dispôr de quem o queira ouvir, meia duzia de ideias que curariam radicalmente todos os males que nos afligem? Eu não faço excepção á regra e tenho chegado a conclusões que teem talvez uma certa originalidade.

Por profissão empenhado na luta contra o sofrimento e a doença, por inclinação de espirito interessando-me extremamente por todas as manifestações da Arte e da Beleza, natural era que generalisasse, como maiores factores de felicidade colectiva, aqueles que considero como mais importantes para a felicidade individual, isto é, o culto intensivo da estetica e da saude.

Assim, a meu ver, só deveria haver dois ministerios: o das Belas Artes e o da Higiene. Todos os outros deviam ser transformados em simples direcções gerais, pois que resolvidos de uma forma cabal esses dois problemas basilares, todos os outros automaticamente se resolveriam. Senão vejamos:

O embelesamento da paisagem levar-nos-hia á arborisação e cultura dos nossos campos, o das cidades ao conforto e higiene das nossas habitações; do aformoseamento do paiz nos viria o desenvolvimento do turismo que nos daria ouro estrangeiro, como o aproveitamento dos nossos incultos nos evitaria a drenagem do nosso ouro. Se por uma questão de estetica, guarnecessem metodicamente de arvores uteis a extensa fila das nossas estradas, em poucos anos talvez, o rendimento de essas arvores nos desse recursos para a conservação modelar das mesmas estradas. Assim teriamos paralelamente influenciado o problema economico e o financeiro.

Do desenvolvimento da higiene a necessidade de resolver o problema

da cultura fisica, transformação da raça abastardada em homens robustos e perfeitos e mulheres saudaveis e bonitas. Assim se creariam as unicas fontes originaes de energia e de trabalho e se resolveria um dos grandes males nacionais, dotando os individuos de melhores condições de resistencia.

Aqui se entronca o problema da instrucção que, acho eu, se deveria resolver não debaixo para cima como se tem procurado fazer entres nós, mas sim de cima para baixo. Já diz o povo que os bons exemplos devem vir de cima; precisamos por isso de crear primeiro que tudo uma elite de intelectuais e dirigentes, ainda que artificialmente, como fez o Japão, e o melhor para isso seria o convivio mais intenso com os estrangeiros mais civilisados do que nós, que fatalmente nos daria o aproveitamento e exploração das nossas belezas naturais, e ainda pelo ministerio da Higiene, a propaganda das vantagens do nosso clima

Se conseguissemos fixar ainda que temporariamente na nossa terra um nucleo de homens de renome mundial, por meio de contratos monetariamente vantajosos, dando-lhes facilidades de trabalho em institutos modelarmente organisados e que podessem dirigir em plena liberdade de acção; assim uma especie de premio Nobel transformado em contratos lucrativos e com a obrigação de residencia em Portugal durante a vigencia do mesmo contracto; se conseguissemos chamar assim ao nosso paiz as maiores autoridades scientificas e artisticas, fisicos, quimicos, medicos, pintores, escultores, musicos, etc., teriamos artificialmente creado o que maior falta nos faz, o «meio intelectual».

Isto custar-nos-ia, é claro, muitos milhares de contos, mas mesmo economicamente constituiria um negocio vantajoso, pois atraz desses homens e por influencia deles, passariam os nossos institutos a ser frequentados por milhares de estrangeiros, tal é a força de atração que a inteligencia exerce em todo o mundo. Mas mesmo que tal não acontecesse, ainda para nós portuguezes haveria vantagem, pois uma vez creado o meio intelectual a ele teriam que se adaptar os individuos, civilisando-se e tornando-se uteis.

E' certo que o individuo forma o meio, mas não é menos certo que o meio forma o individuo. Um homem do gabão de Aveiro pode sentir-se muito á vontade na «Brazileira» ou na «Chave de Ouro», mas deixa-o no vestiario se for tomar chá á «Garrett».

Num lar artistico e confortavelmente arranjado onde a mulher seja agradavel e bonita, o homem saudavel e forte, pode haver falta de dinheiro, mas ha de certo mais coragem para o ganhar; coragem que dá a força e a saude e ainda o desejo de conservar o bem estar que já se tem. Nesse lar deve existir, muito atenuada a tendencia do marido para aproveitar todos os momentos livres no café e no teatro, pois o conforto da intimidade o prende mais á familia e á casa.

COUTINHO CABRAL

Porque não havemos de tentar para o paiz o que tão evidente é para a familia? Portugal inteiro sente-se mal na sua casa — dentro das suas fronteiras — Portugal quer ir para a rua — para o estrangeiro — vamos a dar-lhe um lar cheio de arte e de bem estar fisico, e ele trabalhará para o conservar, e viverá com mais amor e mais alegria.

O culto de arte suavisa e adoça os maus instintos. Quer um exemplo?

A mulher bonita é a forma de arte mais natural, mais espontanea e como tal mais facilmente acessivel a todas as sensibilidades, ainda as menos artisticamente predispostas; conseguisse vossê que duas duzias de lindas mulheres passassem a frequentar assiduamente a «Brasileira» e o «Martinho» e

todos os ferozes politicos que agora pensam em conquistar o poder e fazer revoluções, só pensariam em conquistar as atenções desses lindos olhos pretos ou azues. Compreende alguem que se pense em fabricar bombas no café de la Paix ou no Pavillon Daufine?

E aqui tem, como pelo culto da beleza até se resolveria o problema da ordem publica, muito mais facilmente do que o poderiam fazer as metralhadoras da Guarda Republicana.

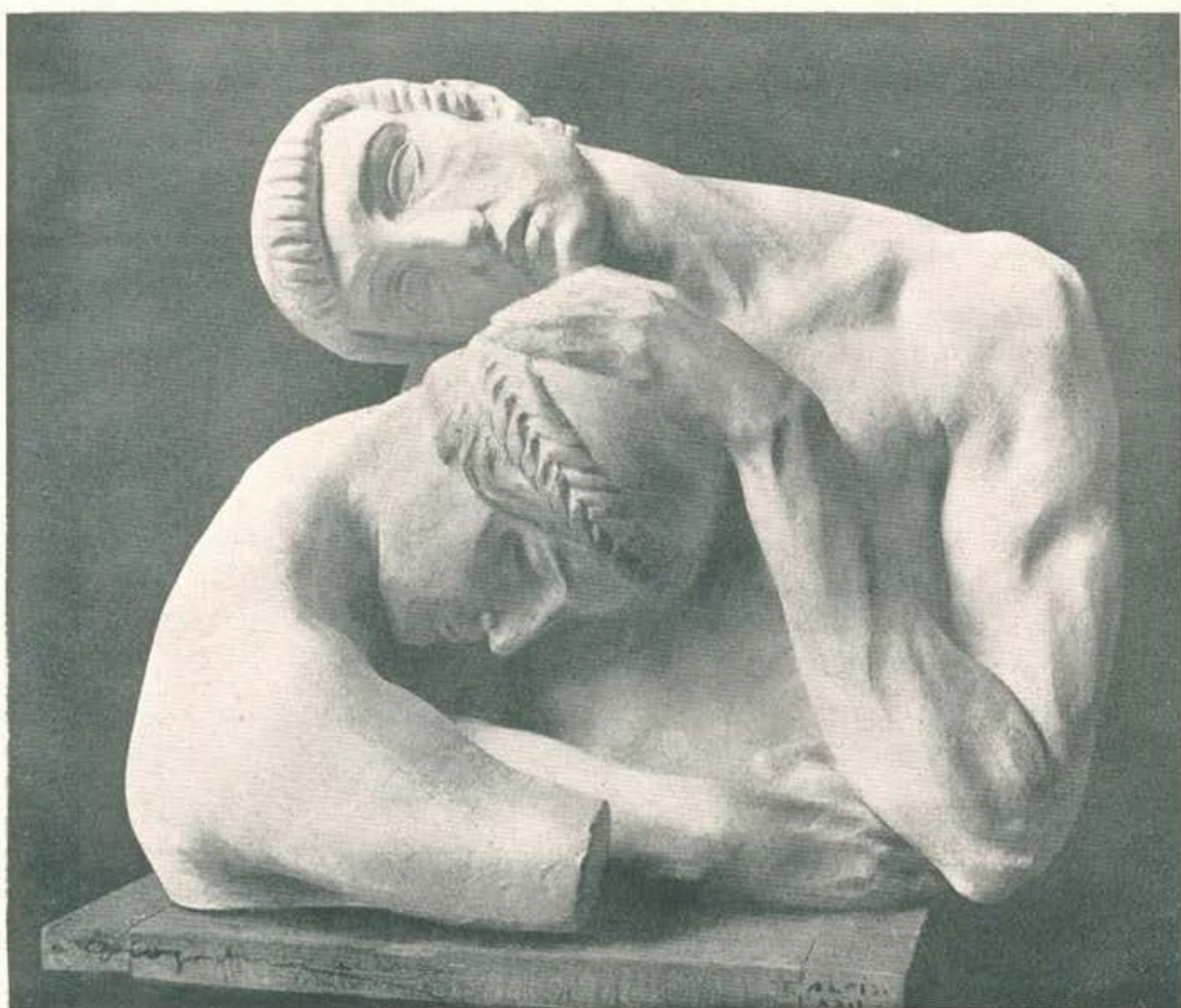
De todas as civilisações de que fala a historia, qual mais soberanamente se impõe a todos nós? A da Grecia antiga, naturalmente; e de tal modo ela se impõe que, como dizia Momsen, nunca a poderemos considerar suficientemente moderna. Ora quaes são as caracteristicas dominantes dessa civilisação? O respeito quasi religioso da Beleza, tanto nas artes plasticas como na cultura do corpo.

E' claro que quando falo de dois ministerios, é uma maneira simbolica de falar; não me interessa o nome que burocraticamente se dê aos grupos de repartições. O que quero dizer e marcar bem, é que para mim os nossos dois problemas fundamentais, basilares, são o da higiene e o da estética. E foi por isso que eu sem ser um artista profissional, tão entusiasticamente acedi ao seu convite para fazer parte do tão discutido grupo dos novos socios que pretendiam fazer alguma coisa de artisticamente novo na Sociedade Nacional de Belas Artes, grupo que bem poderia inscrever lema e sintese das suas intenções, estas duas frases que quanto a mim resumiriam todo um programa.

O culto da arte como manifestação de saude do espirito.

O culto da saude como manifestação fisiologica da arte.

Alves de Azevedo

CABRAL COUTINHO

DIOGO DE MACEDO
L'ADIEU

LE PARC DU MYSTÈRE

PAR RACHILDE & F. DE HOMEM CHRISTO

ALORS, cher Monsieur, vous aimez la France, vous aimez Paris, vous aimez les lettres et vous êtes un jeune étranger, déjà célèbre, un personnage *étrange*, à la fois très près et très loin de notre monde littéraire mais qui pourrait y jouer le rôle du héros de roman sinon celui de romancier? Ah! comme vous êtes pourtant *littérateur*!

Ce qui m'amuse, dans ce que je sais de vous, c'est que vous n'avez pas l'air d'y faire attention. Vous ne venez pas seulement de loin, *vous en revenez* et cette fameuse histoire de *revenant*, vous la dites avec le ton froid d'un professeur en Sorbonne, ce qui a suffi à me dresser contre vos affirmations dans tout ce que je possède vraiment de haine contre le mystère.

Il n'y a pas de mystère. Il n'y a que l'intérêt de certaines humanités à l'inventer pour les besoins de leur propre cause ou la consolation des humanités voisines. Permettez-moi de m'expliquer. Je ne suis, hélas, pas capable de m'excuser! Je suis un curieux... d'oubli d'une curieuse. Le titre de littérateur n'est pas du tout à ma taille: je ne fais pas de littérature. Je vis, ou par le rêve, ou par la réalité, dans un état de demi-inconscience absolument conscient, ce qui me donne l'aspect d'une personne libérée de toute contrainte protocolaire. Je ne fais pas une grande différence entre la littérature et l'existence de tous les jours parce que la première découle de la seconde pour qui sait voir et entendre. C'est aussi pour cela que je ne crois point au surnaturel parce que tout me semble naturel et sans lien apparent avec le possible impossible. Les uns, les sauvages, dont je suis, mettent leur oreille à terre, sur le sentier de la guerre ou du crime, pour tacher d'y surprendre une émotion, le pas qui s'approche ou celui qui s'enfuit. Les autres, les civilisés, lèvent leurs yeux au ciel, pour y chercher un espoir, une aurore... ou, tout machinalement, y suivre les volutes d'une fumée odorante. J'ai assez d'éducation pour respecter les gens qui ont la tête dans les nuages, cependant, je ne leur permets pas de dépasser la limite bourgeoisement assignée aux sots! Quand, par hasard, ils me prouvent une intelligence très au-dessus de la moyenne, je commence à m'inquiéter. Est-ce que vous croiriez à des puissances autres que celle... de votre intelligence?

CABRAL COUTINHO

Vous pouvez ne pas me répondre. Je m'y prendai comme les femmes gauloises, ces vieilles sorcières ingénues, qui entouraient le voyageur en lui demandant de raconter leur histoire et je saurai tourner la difficulté au passage dangereux, s'il y en a. Au besoin je vous arrêterai. Ce qui me rend curieuse c'est, justement, la seule part d'intelligence dans la belle action ou la faute. Quant aux résultats, peu m'importe. Tous les résultats sont négatifs puisqu'ils sont une fin!

Je vous entends d'ici rire de ce que vous appelez mon «*écriture turbulente*». Il est avéré que j'écris mal mais à l'encontre de ceux qui écrivent bien, j'arrive à dire ce que je veux

dire et sans me soucier des convenances sociales, cette calligraphie à l'usage des collégiens, d'où il s'en suit que ce n'est pas moi... le collégien!

J'ai l'habitude de dire que je suis née sous Louis XV parce que mon âge et mon indifférence à la corvée mondaine signifient, probablement: *après moi, le déluge!* Déluge de larmes? Déluge de reproches? Déluges de compliments?... Ah! pourquoi s'y attarder puisqu'il faut *passer!* J'ai horreur de la pluie. Je me sauve des averses, d'abord. Ensuite viendra le Monsieur censeur qui criera, sur l'autre rive, toutes les malédictions ou les invocations qu'il voudra au nom de la postérité, je serai désormais invulnérable et tellement purifiée par l'infini du gouffre que vous devinez!... Est-ce que vous y croyez, vous, à la mort?

Il paraît que vous avez commencé par la prison politique? Moi j'ai débuté par la prison... littéraire. J'ai une vague idée que vous êtes plus innocent que moi! je n'entends rien à la politique. J'ai feuilleté vos livres — . Que tout cela est bien, correct, compassé, rempli de fougue orgueilleuse, réprimée, comprimée, en petits cachets pour la fièvre! Il y a de la morale et de la révolte. Je voudrais savoir qui, ou quoi, l'emporte à vos yeux? De quelle philosophie vous servez-vous, pour le mouchoir?

Pourquoi étant encore un gamin, fondiez-vous un journal, une famille, et pourquoi, vous risquiez-vous à refuser de prêter serment devant le Christ, pour faire, plus tardi amende honorable devant le même... obstacle? Pourquoi futes-vous précipité sur la paille humide des cachots, d'autant plus humide que la marée montante la submergeait, paraît-il, tandis que la pitié de votre geôlier posait une planche de salut, d'un soupirail à l'autre, dans toute la largeur de cette *tour... d'amour*! C'est charmant! Quel original pays que votre pays! Je m'imagine le Portugal à la fois rouge de sang et blanc de toute la pureté religieuse des fleurs de l'oranger, brûlé de soleil et éventé, le long de son littoral, *par un capiteux parfum de libertée que le vent, venu de très loin,* vous flanque dans la figure sans qu'on puisse bien définir s'il s'agit d'une prière ou d'une menace... Et il ne doit pas y régner beaucoup de mesure.

COUTINHO CABRAL

Alors vous, Monsieur le portugais, vous êtes venu en France pour chercher cette mesure, nécessaire à l'ordre moral comme le battement régulier du coeur est nécessaire à l'ordre physique?

Pourquoi aimez-vous tant la France? Est-ce pour ses malheurs, qu'elle devait ou pouvait éviter, ou sa merveilleuse promptitude à les oublier?

Je vous ai entendu parler de la vie de Paris, un soir, avec une éloquence enthousiasmée très surprenante de la part d'un diplomate, connaissant le dessous des choses. Il gelait... et vous êtes frileux! La foule, rue de Rivoli, était dangereuse comme une caresse de fauve... et vous avez horreur d'aller à pied!

Mais vous regardiez, fasciné, le soir tombant, ce soir, d'un rose pâle, sous la voilette noire des arbres des Tuileries, capricieusement brodée de ramilles en velours, ce soir glaciall délicat et léger, tel un fard sous la poudre, un couchant incertain, ambigü, dans leque, semblait bien plutôt se lever une aurore, l'ouverture des paradis mondains. Une petite étoile claire s'y allumait, diamant, d'une bague secouée, là-haut, par une main mystérieuse... ... Au fond, c'est votre affaire... du moment que vous avez confiance en cette étoile!

«Aut Coesar, aut Nihil.»

Expliquez-moi, racontez moi! Le désir de l'acte est toujours intéressante. Quant à l'acte lui-même, *il n'est pas l'homme,* il n'en représente que sa victoire ou sa chute, c'est-à-dire une chose toujours indépendante de sa volonté! C'est précisément pour cela qu'il est toujours beau de vouloir.

Mes meilleurs cordialités, cher Monsieur.»

RACHILDE

Colaboração especial aos auctores para a CONTEMPORANEA, do livro inedito LE PARC DU MYSTÈRE, nos prelos da livraria Flammarion de Paris. No proximo numero será publicada a SEGUNDA CARTA por F. DE HOMEM CHRISTO.

SPORT

Ciclista de braços como fosforos, que és capaz de emagrecer ainda mais, se julgares aumentar assim as tuas probalidades no proximo Campeonato; pedestrianista com o feitio duma galinha etica e que te consideras em excelente forma para a proxima corrida; lutador que pensas sempre e somente num grande numero de kilos para o proximo Campeonato; vocês todos, os que fazem trabalho muscular para serem mais fortes, ou mais resistentes ou mais rapidos que os outros; vocês todos, que só trabalham para serem campeões de qualquer coisa e que deixariam de trabalhar logo que verificassem não poder conservar o titulo, — sim! vocês todos escusam de ler estas linhas que não foram escritas para os vossos objectivos.

Mas, vós outros, pequenos e grandes, novos e velhos que tendes a preocupação do vigor muscular e da saude; vós que sois amigos da belleza corporal, e a quem agrada a ideia dum perfeito equilibrio das massas musculares; vós que sentis o interesse de praticar varios sports; vós que tendes como objectivo, muito mais do que concorrer ao campeonato, preparae-vos para o unico «match» que vale a pena — que é o «match» contra a velhice! Vós, a quem desagradaria profundamente ser mal construidos e ofender a Belleza pela inarmonia das vossas formas; que, aplicais á preparação do vosso corpo uma inteligencia bastante viva; que conheceis os vossos deveres para com vós proprios; e vós outros tambem, intelectuaes que conheceis o melhor rendimento que póde dar o vosso cerebro se o corpo estiver normal; vós todos, que me compreendeis: lê-de estas linhas que foram escritas para vós.

... Hontem á noite foi-me dificil adormecer por causa das preocupações da minha vida; ha dias em que nada marcha bem. Noite agitada; logo, pouco repousante. Esta manhã acordei á hora do costume, mas desagradavelmente.

De bôa vontade teria dormido mais uma hora. E depois um aborrecimento pelos afazeres quotidianos! Lá fóra, um tempo desagradavel, frio ainda, invernoso... E se eu me deixasse ficar na cama?

Mas de repente, num arranco, eis-me a pé. Enfio umas cuecas; vou á janela, abro-a e empunho os alteres.

Oh! que miseria os primeiros movimentos! Tudo estala, range; os musculos rebeldes. Que estopada!

E vou contando: um! dois! três! desoito... desanove... vinte...

A partir do terceiro movimento a coisa vae melhor. A necessidade de luta, inata em mim, faz-me cuidar dos movimentos: quero fazer uma meia hora!

Sinto já o rithmo da respiração bem estabelecido e as flexões mais perfeitas. Já fiz dez movimentos; mais oito, mais seis, ainda um! Passemos a outra serie.

Oh! a primeira gôta de suor na testa, e ao mesmo tempo o bem-estar que começa!

Os pulmões a alargarem-se, a caixa toraxica a encher-se como um balão. E outra gôta de suor que cahe no tapete. Não perdi nada do exercicio que já está nos ultimos movimentos, os que custam mais, o que é mais uma razão para os aproveitar melhor.

Acabou. Onde tinha eu a cabeça para achar que fazia frio lá fóra?

CABRAL COUTINHO

E vou fechar a janela com pena. E agora a delicia do «tub» ou da ducha, e a maravilha da agua de Colonia sobre a pele, e o milagre da luva de crina que distribue por todo o corpo a actividade sanguinea...

As preocupações da vespera? O que é isso? Ninharias. Ah! elas verão se voltarem. A vida é encantadora e bôa e dôce e facil. E agora a tarefa quotidiana parece-me simples; faço o projecto de trabalhar muito, hoje.

O que foi que limpou assim a minha inteligencia para que os afazeres que me pareciam dificeis hontem me pareçam tão faceis hoje? E d'onde me vem esta indulgencia para todos e para tudo?

Sinto que gosto de toda a gente, que desculpo tudo, que perdôo tudo.

Faço a minha toilette rapidamente, e eis-me na rua com o cerebro e o corpo limpos e bem decidido a conduzir-me como um Homem durante o meu dia.

E esta sensação, meus amigos, conhecem-na vocês, e se a não conhecem não depende senão de vocês. Ofereçovol-a pelo cumprimento do vosso dever muscular todas as manhãs, ao saltar da cama. Nada como este dever quotidiano vos pode dar a sensação de emancipação, de limpeza moral e fisica, de aceio, de renovamento, emfim, de transformação. Nada vos pode dar alegrias mais saudaveis, satisfações mais completas, orgulhos mais legitimos e tambem o desprezo mais absoluto por aqueles que teem a quotidiana covardia de não cumprir esse dever.

COUTINHO CABRAL

Mas não é por ventura o dever d'aqueles que sabem, vir em auxilio dos que ignoram, a facilitar-lhes a tarefa fazendo que ela lhes pareça menos árida? Convenhamos que o autentico exercicio de cultura fisica tem as suas austeridades e que nem toda a gente é como aqueles monges que mortificavam sem cessar o proprio corpo. Felizmente ha plataformas. Eis algumas delas:

Em primeiro logar não é obrigatorio trabalhar sosinho. Um visinho do lado, um camarada do bairro igualmente decidido, pode ser o vosso companheiro de trabalho. E muito a proposito acaba de aparecer com o nome do doutor Pagés —suponho que é uma conferencia—um livro notavel sobre «La Gymnastique d'opposition en culture physique». Leiam-n'o e apliquem os seus preceitos. E verificarão como, sendo dois a trabalhar, são infinitos os movimentos. Mas que beneficios podem resultar dos movimentos d'oposição?

Eu estimaria que um ginasta de competencia e autorisado, nos indicasse todos os jogos e exercicios possiveis dentro dum simples quarto de cama. Não ha só os exercicios conhecidos da ginastica mas muitos outros meios de tornar atraente a sessão quotidiana. A cultura fisica como todas as coisas que devem dar-nos o bem-estar não deve ser nem «pontifical» nem dogmatica, nem severa, nem aborrecida. E' preciso que seja amigavel e que distraia. E é por isso que nunca será demais a recomendação aos instrutores de que divirtam primeiro os alunos, antes de os aborrecerem.

Finalmente se os exercicios não bastam, se não são suficientes os exercicios de oposição nem tão pouco as centenas de jogos divertidos que se podem fazer em casa, ha ainda uma sahida: um passeio ao campo, onde se pode correr, marchar, saltar e fazer do sport a melhor distracção.

No que eu insisto sobretudo, é na necessidade e tambem na alegria profunda e saudavel e no orgulho do dever muscular cumprido todos os dias; ele transforma o homem: entrega-o á vida melhor preparado, com o espirito mais livre e mais contente comsigo, aceitando alegremente as suas obrigações quotidianas.

E não vale toda esta riqueza, vinte ou trinta minutos de trabalho todos os dias?

A. S.

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ PACHECO

CHIADO, 74 — LISBOA

Editor: AGOSTINHO FERNANDES

N.° I

ANO I

SUMARIO

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de quatrocentos e um exemplares numerados e rubricados pela CONTEMPORANEA, para os Srs. assinantes.

A CONTEMPORANEA agradece ao pessoal gráfico da Imprensa Libanio da Silva, que sob a competencia do seu director técnico o Sr. José Paulo do Sacramento, trabalhou com inexcedivel interesse neste primeiro numero, contribuindo para que a CONTEMPORANEA se coloque a par das melhores revistas mundiais no • • • • • • • • • • genero • • • • • • • • • •